RAVC
NÚMERO 6 2026



AS CINCO PELES

THE FIVE SKINS

BLACK BRAZIL ART

RAVC

Programa de Residência Artística Virtual Compartilhada
Black Brazil Art

Projeto realizado com recursos da Lei Rouanet - Ministério da Cultura e patrocínio do Banco BV.

BLACK BRAZIL ART
14.287.854/0001-05
Email blackbrazilarte@gmail.com
www.blackbrazilart.com.br

Imagem capa: processo PATUÁ COMO NINHO DE PROTEÇÃO, Andréa Muller

APOIO
Momentos World
Faders
Unilab
The Cubic
Consultec
Acergs

Museu da Abolição
Museu de Arte Moderna
Aloisio Magalhães
Centro Cultural Cas do Sertão
Museo Afro Casa Silvana

REALIZAÇÃO
Black Brazil Art

A Virada Decolonial na Residência Artística

Na abertura da residência artística virtual compartilhada da Black Brazil Art, a professora e pesquisadora Alessandra Simões conduziu uma reflexão profunda sobre o conceito de "virada decolonial", abordando a urgência de uma ruptura nos paradigmas dominantes dentro do campo artístico. Ao longo de sua apresentação, Simões apresentou uma crítica contundente ao processo de colonização da arte, destacando a centralização de narrativas e práticas eurocêntricas que moldaram as estruturas artísticas contemporâneas. Ela defendeu uma reconexão com as epistemologias ancestrais, que, muitas vezes, são marginalizadas no cenário artístico global.

A "virada decolonial", proposta por Simões, é mais do que um movimento estético ou político; trata-se de uma transformação radical nas formas como a arte é produzida, consumida e valorizada. Para a pesquisadora, esse processo se desvia da lógica capitalista e consumista, que frequentemente exalta a arte como mercadoria, e desafia a perspectiva histórica que legitima um único olhar sobre o mundo. Ao longo da palestra, a professora argumentou que a arte precisa ser compreendida não apenas como uma expressão individual, mas como um campo de resistência e afirmação cultural. Nesse sentido, a virada decolonial se constitui como um caminho para subverter hierarquias raciais, sociais e econômicas, permitindo que artistas negros e indígenas, por exemplo, rompam com as limitações impostas pela tradição acadêmica e pelo mercado de arte mainstream.

Um dos aspectos centrais dessa reflexão é a noção de que tanto quem cria quanto quem consome arte serão afetados por essa "virada". Para os criadores, significa ter a liberdade de construir suas próprias narrativas sem a necessidade de validação externa ou conformidade com padrões estéticos dominantes. A arte deixa de ser um reflexo de uma realidade imposta e passa a ser uma construção genuína, enraizada nas experiências e realidades de quem a produz. Para os consumidores, especialmente o público não indígena e não negro, a virada decolonial exige uma reeducação estética e política, rompendo com a homogeneização da experiência artística.

Em termos práticos, a residência da Black Brazil Art, ao criar um espaço para essa reflexão, desempenha um papel fundamental na disseminação de novas práticas artísticas, centradas em uma agenda decolonial. Esse modelo, ao oferecer suporte à produção independente, contribui para um campo artístico mais plural e inclusivo. A residência, assim, representa um laboratório de experimentação para que novos paradigmas possam ser explorados, tanto em termos de conteúdo quanto de forma. A “virada decolonial" seguirá por muito mais tempo e não apenas por ser um movimento de contestação, mas uma possibilidade concreta de transformação do cenário artístico. Esse movimento estará inevitavelmente marcado por mudanças no modo como se pensa, se faz e se consome arte, conduzindo a uma revisão do papel da arte como instrumento de afirmação e resistência social. Ao desafiar a hegemonia de uma narrativa única, a virada decolonial abre caminho para uma arte mais justa e representativa, na qual a diversidade de vozes e perspectivas seja não apenas aceita, mas celebrada.

Patrícia Brito, curadora

CONTEÚDO

AS CINCO PELES

Patrícia Brito (SC-RS)
02 A virada decolonial na residência artística
04 Residência artística virtual compartilhada: explorando as dimensões da arte e da decolonialidade
06 A construção de patuás ou amuletos como desobjetos decoloniais

EIXO TEXTURA <epiderme>

Luciana Conceição (SP)
08 Corpo-matéria: uma proposição à flor da pele
Imagem: processo PELE-TEMPO, Salete Lottermann

EIXO CORPO <vestuário>

Luiza Furtado (BR-AU)
12 RAVC// Eixo Corpo/Vestuário
Imagem: processo A ARTE RESISTE, Lívia Passos

EIXO CASA <espaço>

Matheus Crespo (RJ)
15 Botar água pra fora
Imagem: processo FILETES DA RE-EXISTÊNCIA, Rafael da Luz

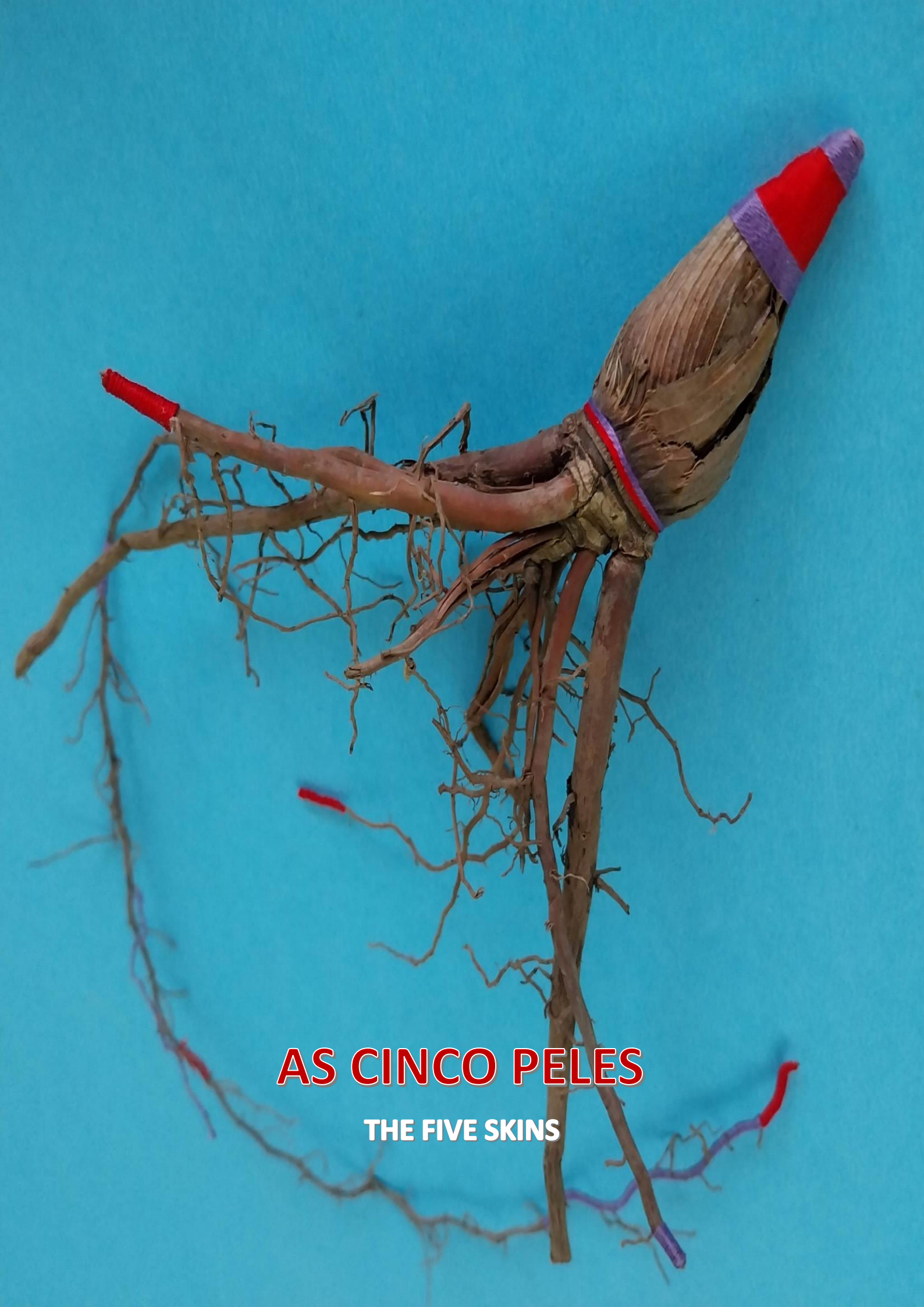
EIXO REDE <identidade social>

Zaika dos Santos (MG)
18 Relato
Imagem: processo FLORA FUTURA, Audrian Cassanelli

EIXO COMUNIDADE <meio global>

Priscila Costa Oliveira (SC)
21 Pele mundo: ecológica e comunitária
Imagem: processo EMPILHAR ENQUANTO HÁ TEMPO, Olhoteu

Alice Rheingantz (MG)
Angela Ma Xavier Freitas (CE)
Aryanna Bueno (GO)
Audrian ViniciusCassanelli Griss (CE)
Carinne Lira (PB-RJ-CE)
Clarita Andréa Neves Müller (SP)
Dandara Patroclo (CE)
Dener Luiz Carvalho (RS)
Denise Gomes Marinho (RJ)
Dhyogo Oliveira (MG-CE)
Fiamma Viola (DF-IT)
Gabriela Santos Souza (BA)
Herbert Otacilio Da Silva (SP)
Hugo Paz (CE)
Isabella Haru (DF-MG)
Jéssica Vieira (DF-SP-BA)
Juliana Araujo (CE)
Khauane Farias (RO)
Laryssa Monteiro Do Rosario (RJ)
Livia Passos (BA)
Lorena Maria de Jesus Flumignan (SP-MS)
Lourdes Isabel Miranda (MG)
Luana Rocha de Souza (CE-AP-MG)
Luciana Rosário (SP)
Maria Dulciney da Silva (SP)
Mariana Figueiredo (RJ-MG)
Marina Corbetta Benedet (SC)
Mutton André (SP)
Netto Vrt (RS)
Noberta Doia (PB)
Paloma Carmelita (MG)
Patricia Costa (CE)
Rafael Fernando Serrão Chaves (PA)
Ricardo Almeida (SP)
Rodrigo Novack (SC)
Romario Batista (CE-ES)
Ronaldo Neves Ferreira (BA-DF)
Salete Lottermann (PR)
Teuller Morais (CE)
Thaira Luiza Camanho (RJ)
Vanessa Mesquita (RS)
Wélisson Souza Silva (SP)
Alisha (CE)*
Guacira Herrera (CO)*
Patrice Collem (US)*
Beatriz Vasconcellos Silva (CE)*
Gustavo da Silva Silva (CE)*
Sinara da Silva (CE)*
Silvana Oliveira Silveira (CE)*
Zuleide Zuca (CE)*



AS CINCO PELES

THE FIVE SKINS



Residência Artística Virtual Compartilhada

Explorando as dimensões da arte e da decolonialidade

Por Patrícia Brito

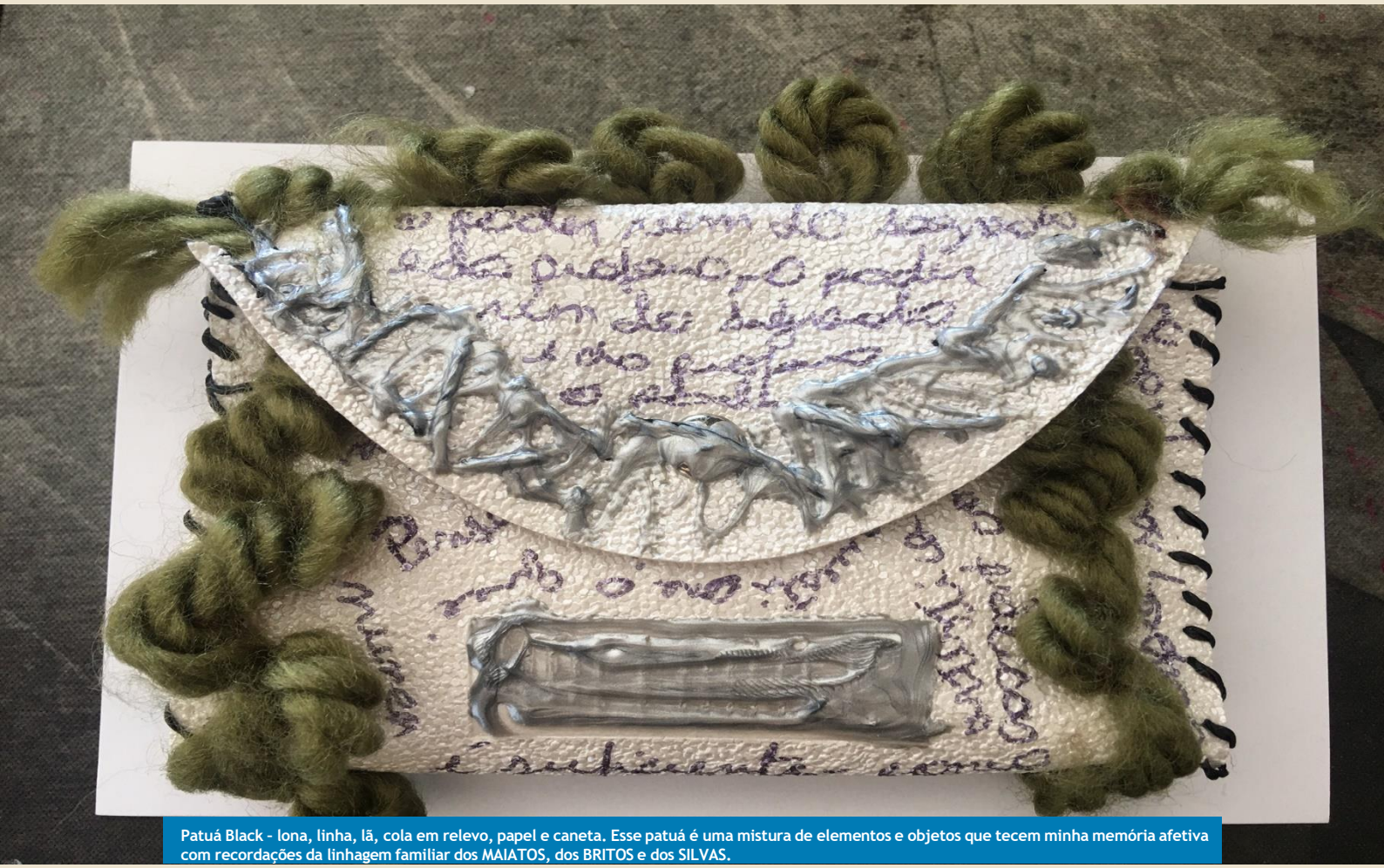
A RESIDÊNCIA ARTÍSTICA VIRTUAL COMPARTILHADA É UM ESPAÇO INOVADOR DE CRIAÇÃO, TROCA E APRENDIZADO, reunindo artistas de diferentes partes do país e do mundo em torno de práticas artísticas que abordam o conceito de decolonialidade. Inspirada pela teoria das cinco peles de Hundertwasser, esta edição se estrutura em três módulos distintos: Escuta, Atravessamento e Desdobramento/Intuição, cada um contribuindo para um mergulho profundo nos processos criativos e reflexivos. No módulo da Escuta, os residentes são convidados a se escutarem mutualmente. Mais do que um simples diálogo, a escuta neste contexto é sensível e empática, permitindo que os participantes identifiquem afinidades entre seus projetos, histórias e práticas artísticas. É um convite para a troca profunda e colaborativa, em que a diversidade de perspectivas fortalece o potencial coletivo. Nesse módulo, a escuta não é apenas um ato passivo, mas um exercício ativo de conexão humana e artística, estabelecendo uma base sólida para as colaborações que seguirão. Aqui, o foco está em ouvir, refletir e reconhecer as narrativas de outros corpos e territórios.

No módulo Atravessamento, os mentores entram em cena para provocar reflexões e estimular os residentes a transcenderem suas zonas de conforto. Por meio da apresentação de autores, temas, produções e processos artísticos variados, os participantes são

instigados a explorar novos territórios criativos. Essa etapa é uma jornada de expansão, onde o contato com diferentes referências e provocações abre caminhos para processos inusitados. É no atravessamento que o residente começa a moldar sua capacidade de absorver o outro e de transformar sua prática artística através do encontro com o desconhecido.

Por fim, no módulo Desdobramento/ Intuição, ou módulo final, não busca-se resultados, mas sim, valorizar os processos criativos em sua essência. Aqui, os residentes apresentam os desdobramentos de suas investigações, sejam elas finalizadas ou ainda em construção. O objetivo é reforçar a ideia de que a residência artística compartilhada não se trata de produtos finais, mas de um espaço onde múltiplos olhares se encontram para explorar as possibilidades de criação colaborativa em um ambiente virtual. Essa etapa privilegia o fazer artístico como ato intuitivo, onde as decisões criativas nascem do fluxo natural entre mente, corpo e emoção. É a oportunidade para que cada artista manifeste sua visão singular, conectada ao tema maior da decolonialidade. Esse momento é a celebração da experimentação e da intuição, onde o coletivo se manifesta na diversidade dos resultados apresentados.

Processo 1: PATUÁ COMO NINHO DE PROTEÇÃO, Andréa Muller (capa)
Processo 2: PATUÁ BLACK, Patrícia Brito (pg tal e tal)



Patuá Black - lona, linha, lã, cola em relevo, papel e caneta. Esse patuá é uma mistura de elementos e objetos que tecem minha memória afetiva com recordações da linhagem familiar dos MAIATOS, dos BRITOS e dos SILVAS.

A construção de Patuás ou Amuletos como Desobjetos decoloniais



A proposta de Patrícia Brito, inserida no tema central da Decolonialidade das Cinco Peles, sugere uma abordagem inovadora ao explorar a criação de patuás e amuletos a partir da lógica do desobjeto. Inspirada pela teoria de Hundertwasser, que propõe a existência de cinco camadas que conectam o ser humano ao mundo – epiderme, vestuário, casa, identidade social e meio global –, a proposta busca reinterpretar a noção tradicional de amuletos, transformando-os em manifestações artísticas de desconstrução e reconstrução.

O conceito de desobjeto, amplamente trabalhado por artistas e teóricos como Lygia Clark e Hélio Oiticica, implica um rompimento com as formas tradicionais de representação e utilidade atribuídas ao objeto. Em vez de criar algo funcional ou simbólico no sentido tradicional, a construção de um desobjeto nasce da desconstrução de materiais, significados e processos. Como Clark explorou com suas obras interativas, como os "Objetos Relacionais", o desobjeto não é apenas algo físico, mas também um canal de interação entre o criador, o participante e o mundo ao redor.

Ele subverte os paradigmas de consumo e utilitarismo ao focar no ato de criação como um processo subjetivo e transformador. Neste contexto, a construção de patuás e amuletos adquire um caráter profundamente decolonial. Esses artefatos/(des)objetos, tradicionalmente associados a práticas espirituais e culturais de povos africanos e indígenas, são presentificados em seus detalhes subjetivos de composição, considerados mágicos ou sagrados, podendo ser usados em entradas de casas, atrás das portas, como orações ou usados junto ao corpo como uma segunda pele – a pele que protege, que cura, que afasta coisas ruins, relacionados à crenças de seus donos. Trabalhá-los como desobjetos permite ressignificar suas funções e resgatar seu valor enquanto expressão de resistência e ancestralidade. Essa abordagem dialoga diretamente com a crítica decolonial, que busca desmantelar hierarquias de saberes impostas pelo colonialismo e valorizar as práticas culturais dos povos historicamente subalternizados.

No âmbito da Decolonialidade das Cinco Peles, a construção de patuás/desobjetos também se conecta com o conceito de "pele" como fronteira e interface. Segundo Hundertwasser, a epiderme – nossa primeira pele – é tanto um limite quanto um meio de interação com o mundo. Da mesma forma, um patuá pode ser entendido como uma extensão simbólica dessa pele: uma barreira de proteção espiritual e um portal de conexão com o invisível. Trabalhá-lo como um desobjeto implica transformar sua materialidade em algo fluido, onde o processo criativo – a desconstrução e reconstrução de materiais – ecoa o movimento de ruptura com as narrativas hegemônicas.

Teoricamente, a proposta também dialoga com autores como Achille Mbembe, que em Crítica da Razão Negra discute a necessidade de descolonizar o imaginário contemporâneo e resgatar formas de pensamento e criação que desafiem o paradigma ocidental. A desconstrução presente no desobjeto reflete esse impulso, pois questiona as formas rígidas e pré-determinadas de produção artística e simbólica.

O processo de desconstrução e reconstrução de materiais – que podem incluir tecidos, pedaços de objetos do cotidiano, resíduos naturais ou industriais – torna-se uma metáfora para a desconstrução de narrativas coloniais e a reconstrução de identidades plurais e fluidas. Com isso, a criação de patuás como desobjetos dentro do tema decolonialidade das cinco peles promove uma reflexão profunda sobre o ato de criar, desconstruir e ressignificar. Não se trata apenas de produzir um objeto físico, mas de engajar em um processo simbólico e crítico, que desafia as fronteiras entre arte, espiritualidade e política. Esse gesto reafirma a importância de valorizar saberes e práticas que, embora marginalizados, carregam em si o potencial de transformar nossa relação com o mundo e conosco mesmos.

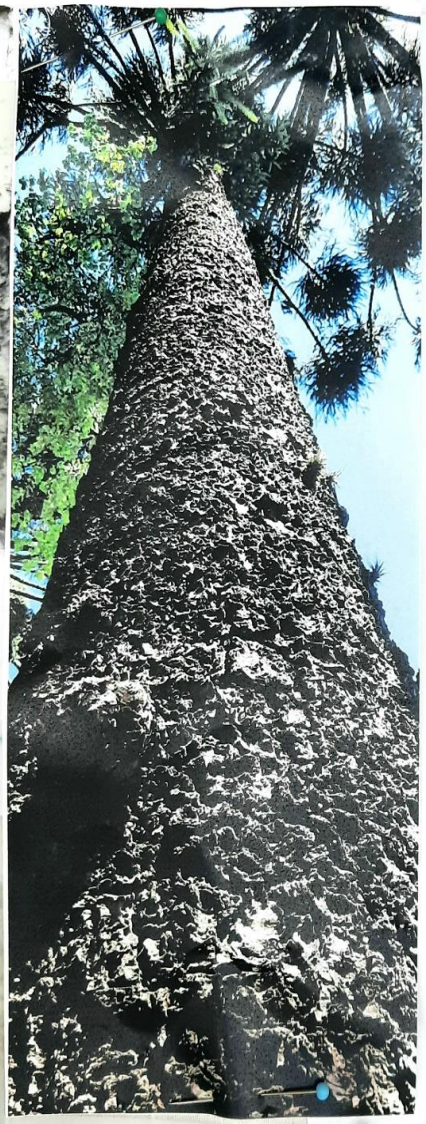
Por Patrícia Brito

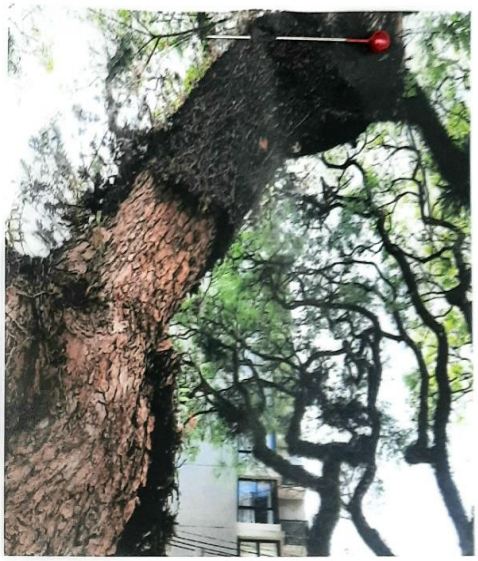




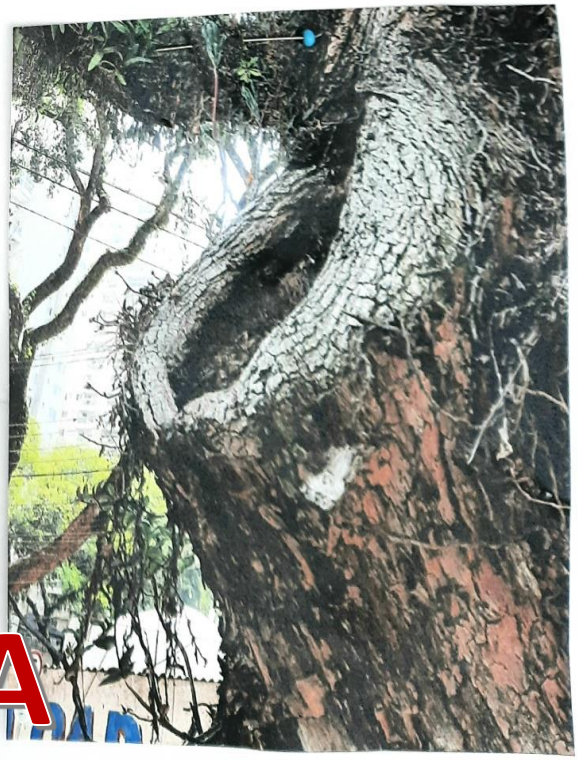












DIVERSÃO
VIDA SAUDADES
MEMÓRIAS
CONHECIDO
ESQUECIDO
ANTIGO
DISTRAÇÃO

ANGÚSTIA
PERDAS
ACOSTUMADO
PASSEIO
CAMINHADA
SOL

FARMÁCIA REMÉDIOS ASSISTÊNCIA

ANTIGO ADAPTADO

CICATRIZ UMBIGO
NASCIMENTO
EMBRIÃO SEMENTE

SABEDORIA PASSADO
EXPERIÊNCIA MATURIDADE

ULTRAPASSADO VELHO

AMOR
DOR

VIDA
IDADE
SAUDADE

EIXO TEXTURA

TEXTURE AXIS



Corpo-Matéria:
Uma proposição à flor da pele

Por Luciana da Conceição

O eixo *texturas* busca sua virada decolonial, conforme o conceito proposto por Alessandra Simões Paiva, ao deslocar a percepção do que se entende por materialidade final/ produto/ criação/ resultado, reconhecendo o processo em si enquanto materialidade. Esse deslocamento inaugura uma dialética. Não se trata de um "trabalho em progresso", mas de um inacabamento consciente, conforme proposto por Paulo Freire, que abraça o poroso, o suscetível ao tempo, ao espaço e a imaginação. Por isso, a cartografia inicial, por onde começamos a materializar desejos, interesses e questionamento, não é um plano a ser seguido, ou um esboço, mas já parte vital de uma criação não linear.

Pensadores como Paulo Freire, Manoel de Barros, Ailton Krenak, bell hooks, Leda Maria Martins, Luciane Schwinden e Nick Sousanis fundamentam essa proposta ao explorar conceitos como o inacabamento humano, a desinvenção, a inutilidade, a transgressão, o tempo espiralar, a formação humana sensível e o desplanar da visão. Esses temas desafiam o automatismo dos chamados "corpos-máquinas" e oferecem um contrapeso ao ritmo acelerado da contemporaneidade, valorizando escuta, pausa e observação sensível.

Pensar as texturas das peles é revisitar camadas construídas por nós, para nós e apesar de nós. A resistência à colonialidade começa com o reconhecimento dessas estruturas. Só ao vê-las e revê-las, como sugere Manoel de Barros, podemos

"transver" a realidade e romper com suas armadilhas praticamente invisibilizadas. Nesse sentido, a prática meditativa foi integrada como resistência ao tempo cronológico e à lógica produtivista, como um ato radical de transgressão.

Influências como Byung-Chul Han e Adriana Klysyis sustentam essa perspectiva, tratando a contemplação e o brincar como essenciais à existência. Han afirma que a vita contemplativa pressupõe uma pedagogia do ver: “aprender a ver significa habituar o olho ao descanso, à paciência”. Perspectiva essa fundamental para o módulo inicial da residência: a escuta.

Para sustentar metodologicamente essa proposição, alguns dispositivos fizeram-se necessários, sendo um deles o *Método Atravessamentos*. Tal método, a partir de uma perspectiva desinventiva e afetiva, propõe a criação de novas realidades e imaginários a partir de nossas peles, entendidas como territórios vivos e dinâmicos. A escolha de apresentar as "peles" em um grande tecido coletivo - em uma metáfora da pele como maior órgão do corpo humano - reflete a dimensão relacional da criação, onde nos reconhecemos pelo outro. Ferreira Gullar nos agracia com a afirmação de que a arte inventa a vida, de que uma obra acrescenta à vida coisas que não existiam antes.

Outros dispositivos e linguagens como a fotografia e a escrita também são consideradas como potência na forma de registro dessa materialidade que é também processo. A fotografia proposta para es residentes aponta para um caminho não convencional, numa recusa de capturar o visível lógico. Em vez de registrar o óbvio, por que não se abrir à imaginação? O que a fotografia que escapa das convenções, revela? O que pode a fotografia quando não entrega ao outro aquilo que se espera ver?



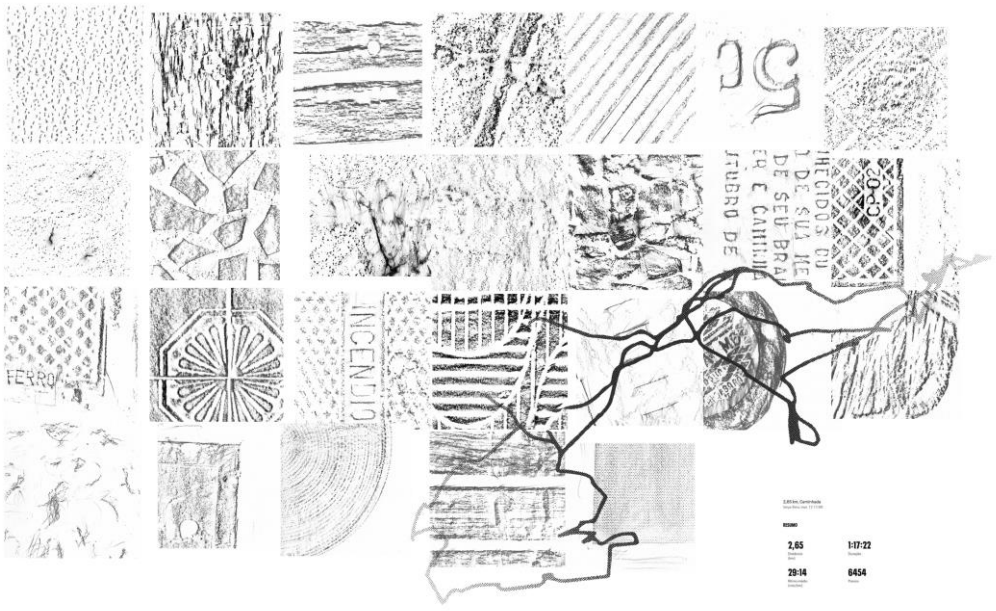
Imagens: Processos de Audrian Cassanelli

A escrita soma-se a essa provocação, inspirada nas escrevivências de Conceição Evaristo. A ideia é de uma escrita que não descreve tampouco didatiza o processo, mas compõe enigmas que instigam quem entra em contato com aquilo que é apresentado. Como afirma André Gravatá, “toda palavra deixa rastro”. Assim, o texto deve provocar e abrir espaço para o que não foi dito. Sem explicá-lo.

Muitos artistas relataram o prazer de criar sem a pressão de produzir resultados imediatos, enquanto outros se sentiram desconfortáveis com a falta de concretude. O eixo, contudo, democratiza a arte ao buscar desvelar, principalmente, a potência do cotidiano como poética. Contestar estruturas rígidas e abrir espaço para teorias permeáveis nos ensina a acolher o inacabado e o sensível como parte da vida. Democratizar a arte passa por radicalizar imaginários.

Nosso corpo é um território vivo, em constante transformação. A arte aqui não imita a vida, mas a desinventa, recusando reproduzir estruturas neoliberais que exigem finalizações, metas e perfomatividade. Como afirma Christina Rizzi, "A arte é uma forma de expressão, de comunicação, de criação, de conhecimento. Ela em si é uma totalidade. O que a gente faz habitualmente, socialmente, é identificar a arte como universo de propriedade específica de artistas, mas não é. A arte é do humano, e somos todos humanos. Então, a gente traz em si essa necessidade e essa potencialidade”. Descamar peles, repensar o tempo e abrir-se à imaginação são atos de resistência necessários para criar outros futuros possíveis. Ou ao menos, adiar o fim do mundo.

Processo 1: PELE-TEMPO, Salete Lottermann (capa)
Processo 2: ERAUMAVEIS, Audrian Cassanelli (pg tal e tal)
Processo 3: A CIDADE ME DEIXA SEM PELE, Olhoteu (pg tal)





EIXO CORPO

BODY AXIS



RAVC EIXO CORPO // VESTUÁRIO

Por Luiza Furtado

“Trama” é uma malha digital que se forma no encontro de gestos radicais* (Segade, 2019). Como resultado das trocas no eixo corpo: vestuário, ao longo da residência virtual Bienal Black Art Brasil. Apresentamos uma composição de vídeos e fotografias que emergem do debate sobre as vestimentas simbólicas que atravessam a poética pessoal de cada artista.

A provocação da curadora Patrícia Brito, abordando a “teoria das cinco peles” do artista Hundertwasser por meio da leitura crítica, que trazem os estudos decolonias. Nos permite desafiar e atualizar, o manifesto concêntrico, que o austríaco propoe enquanto alternativa estrutural. Após sobreviver a segunda guerra, confrontado por “um mundo doente, declarado a sua própria ruína pelo racionalismo” (Bernardes Barros, Bianca. 2018).

A sua teoria “(...) definida por Peretta (2007) como representante de um corpo com fronteiras porosas e fluidas, dilatado e ampliado, composto por instâncias plurais, inclusive por esferas extra-humanas, capaz de potencializar em si mesmo uma discussão sobre ética, sentimento e corresponsabilidade para com o outro (Oliveira Decussatti, Dênis; Santos Teixeira, Fábio Luís; Oliveira Caminha, Iraquitan. 2016). Aborda reflexões sobre o vestuário, enquanto a “segunda pele” no que tange as relações interpessoais; em termos de poder e pertencimento. Com foco no consumo e ecologia, ao relacionar a globalização com o apagamento das individualidades. Hundertwasser defende a auto-confecção de roupas e sapatos como forma de liberação e resistência à uniformização promovida pela indústria.

Em vista que (...) a leitura desconstrutiva nunca é vista como completa, mas como uma abertura que exige mais desconstruções.” (Vaittinen,Tiina. 2022). O reconhecimento do seu pensamento de vanguarda, coexiste com o questionamento sobre a viabilidade de aplicar tais conceitos nos diferentes contextos que costuram o sul global. Para compartilhar a sua visão, o artista

desenha (1997) um espiralar de peles, a partir do seu corpo, que nomeia o “eu-profundo” de onde expandem as outras quatro camadas de interação com o mundo. Diante da produção discursiva, é importante localizar a posição eurocentrada em que se inscreve. A espiral rompe com a rigidez representada pela “linha reta”, mas segue uma -única- linha. Que transcende um modelo falho de (des)envolvimento, mas não resolve a questões no dito “meio global”, por seu carácter universalizante.

Protagonizar formulações interseccionais “para levar em conta as múltiplas fontes da identidade” (Crenshaw, Kimberlé.1994) imbricadas política e socialmente, com os efeitos que derivam da crise ambiental. Para discutir propostas futuras que abordam o nó da moda com a ecologia globalmente, é vital considerar os impactos do “neocolonialismo ecológico – uma manifestação das relações de poder historicamente persistentes e assimétricas entre países desenvolvidos (Norte) e países em desenvolvimento (Sul)” (Dias, Reinaldo. 2023).

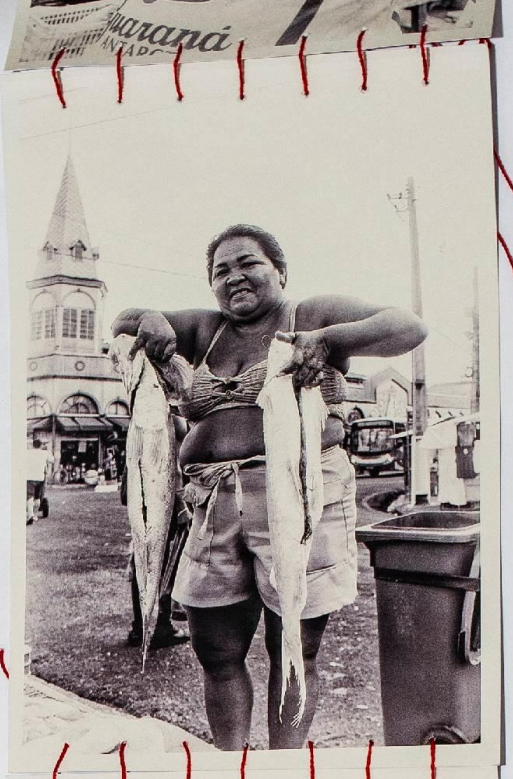
“Trama” a palavra que nomeia o projeto, aparece como uma terceira leitura visual. Que da sequência, e compõe com as referências citadas, por meio do exercício de imaginar-se, teando com três eixos; a linha afetiva, a linha do material e a linha da pesquisa. Pensando as noções expandidas do vestir, por um viés contemporâneo, em que múltiplas espirais criativas formam um tecido mais consistente em sua complexidade analítica.

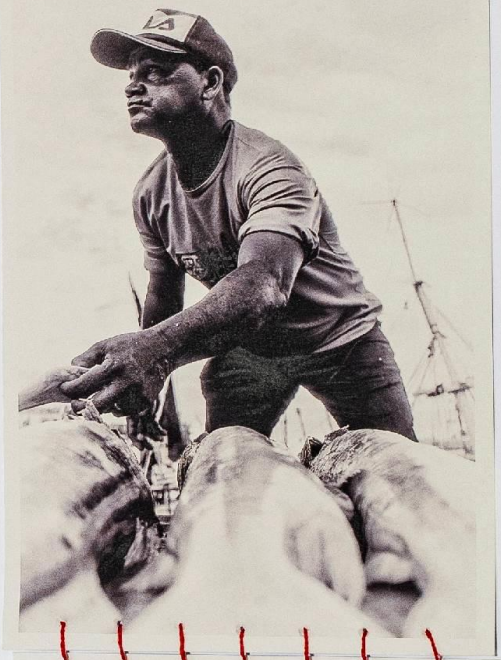
Luciane Ramos Silva escreve em diálogo com Georgia Nicolau “Imaginar é o mesmo que fantasiar? Não. Imaginar significa ter a certeza de que o mundo como conhecemos era uma possibilidade.(“Ter olhos nas costas” Sentindo a Terra: Buscas Culturais em um Globo Aquecido)



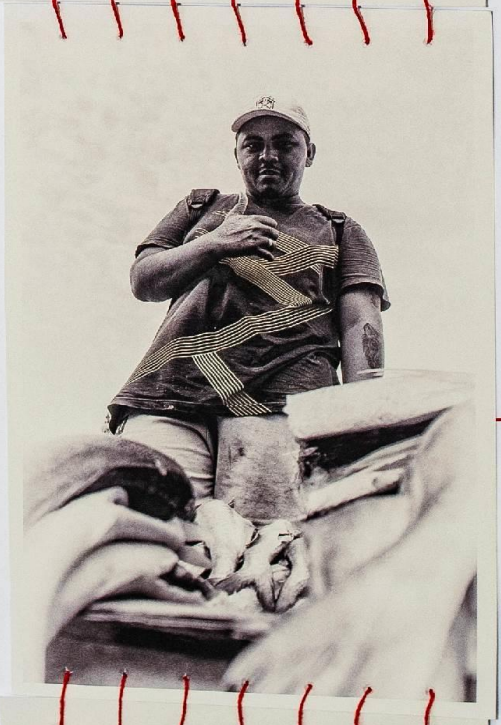
Processo 1: A ARTE RESISTE, Lívia Passos (capa)
Processo 2: VESTIMENTA PARA CORPOS EM BRASA, Mariana Galli Figueiredo (acima)
Processo 3: BONECA DE VESTIR, Patrícia Costa (baixo)











EIXO CASA

HOME AXIS



Botar
Água pra fora

Por Matheus Crespo

Qual profundeza pode ter as águas de uma piscina? O que esse espaço representa? Quem tem passagem para mergulhar? Esses questionamentos iniciaram o percurso que seria feito no eixo Espaço:Casa durante a residência. Investigando o texto de Diane Lima, intitulado [1]Negros na Piscina, tentamos entender quais relações são construídas entre o sistema da arte e pessoas negras, indígenas, mulheres e lgbtqiapn+. Ao olhar para essa piscina vimos: piscina-museu, piscina-galeria, piscina-instituição, piscina-curadoria e tantos outros espaços e personagens que reforçam estruturas de poder, privilégio e exclusão.

A pergunta então foi: será que esse encontro proporcionado pela Black Brazil Art poderia ser uma nova piscina? Uma onde caibam os nossos corpos e mentes?

O compromisso firmado foi de que essa caminhada ao longo de três meses pudesse lavar desconfortos e ser adornada com afeto, sorrisos e acolhimentos.

O ponto de partida proposto para a residência foi a decolonialidade das 5 peles de Hundertwasser, mas antes de citar as suas contribuições para a visão de como nos relacionamos com os espaços, principalmente aqueles que habitamos, era importante evocar outras vozes. Nossos ancestrais já compreendiam com muita beleza outras formas de habitar. Com o Povo Mosgoum, que habita parte do território do Camarões, aprendemos como são construídas casas que brotam do chão, como botões de flores grandiosas e cheias de tecnologia. Se Hundertwasser

nos questionou sobre o afastamento do homem da construção de sua casa, para o povo Mosgom a casa é feita da própria terra, o chão que se pisa é o mesmo que ergue as paredes, escaláveis, adornadas para escorrer as águas da chuva, e com passagem para o vento ligar a base ao topo.

É na circularidade que esses povos vão construir as suas comunidades, a vida acontece, na maior parte do tempo, no encontro, do lado de fora, onde as crianças brincam, histórias são contadas e há dança, música e comida. No exercício proposto por [2]Leda Maria Martins de se inclinar para frente e para trás, borrando as fronteiras do tempo, compreendemos que nossos ancestrais construíram um mar de saberes sobre como habitar o mundo. Se fôssemos nadar naquela piscina, ela teria que estar inundada de barro, da terra que nos constitui. Como nos ensina [3]Marimba Ani "Sua cultura é seu sistema imunológico".

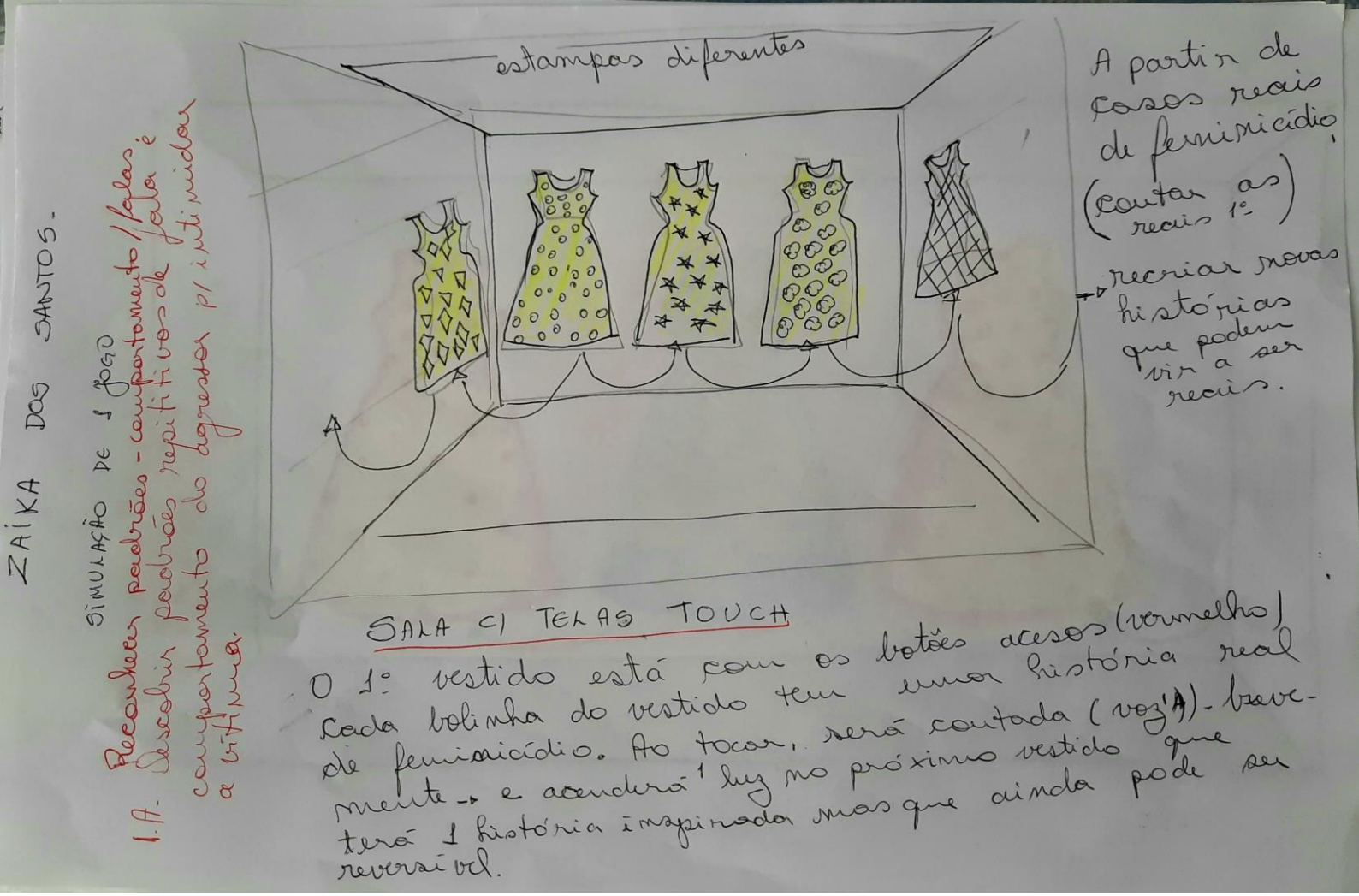
Após mergulhos, trocas e reflexões o desafio foi pensar uma prática que interessasse um grupo com pesquisas e fazeres tão distintos? Propus então a criação de livros de artista.
Livro, condutor de espacialidades e temporalidades. No passar das páginas surgem narrativas coletivas, entrelaçamentos entre as produções dos artistas. Neste espaço-tempo cabem os nossos corpos e mentes manifestados em diferentes ritmos, dimensões e opacidades. Neste livro surgem comunidades, personagens, navegações, sementes e travessias. É a potência de entrar em grupo na piscina gerando movimentos que fazem a água transbordar, ou como dizíamos na piscina de plástico da casa da minha avó, botar água pra fora.

1. LIMA, Diane (org). Negros na piscina: arte contemporânea, curadoria e educação. Fósforo, 2024.
2. MARTINS, Leda Maria. Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
3. ANI, Marimba. Yurugu: na african-centered critique of European cultural thought and behavior. Trenton: Africa World Press, 1994.



Processo 1: FILETES DA RE-EXISTÊNCIA, Rafael da Luz (pg)
Processo 2: EPISTEMICÍDIO, Over Nesto (pg)
Processo 3: LIVRO DE ARTISTA, Romário Batista (pg


EIXO REDE
NETWORK AXIS



Por Zaika dos Santos

Nesta instância singular de residência artística, observo como mentora o intrincado entrelaçamento de múltiplas camadas conceituais, ancoradas no cerne da ideia de "redes" – tema que se impõe como matriz estética e epistêmica. Os artistas residentes, imersos em um ecossistema de inteligências gerativas, delineiam cartografias visuais e metafóricas que transcendem a mera representação, adentrando o domínio do sensível e do simbólico. Aqui, as redes não se limitam ao espectro tecnológico ou ao contorno meramente funcional: elas se expandem em territórios de sinergias interculturais, diálogos epistemológicos e cadências orgânicas. Assim como rizomas em constante mutação, as conexões desenhadas não seguem hierarquias lineares; antes, emaranham-se em tramas polifônicas, sobrepostas, fluidas.

Sob a égide da curadoria de Zaika dos Santos, a complexidade dessas estruturas, aproximando-as de constructos que evocam o imaginário biológico e a cognição humana. Redes de computadores, de transportes, de afeto e de ideias convergem e se confundem, embebidas por metáforas de teias, circuitos e organismos vivos.

A inteligência artificial, aqui, não é mero instrumento, mas um interlocutor poético, forjando paisagens cognitivas que se desenrolam em múltiplos eixos: social, neural, ecológico. Cada peça, cada fragmento criativo, é o produto de um diálogo sutil, um balé conceitual entre o possível e o incognoscível, no qual o artista e a máquina

coadunam interesses, testam limites, arriscam formas inéditas de ver, sentir e pensar.

Ao final, o que se irradia destas criações não são apenas imagens, mas dispositivos de interconexão sensível, análogos aos padrões complexos que estruturam o próprio pensamento humano. Uma nova topografia do insight emerge, na qual as fronteiras entre artesão e algoritmo, entre receptor e emissor, diluem-se em um espaço de profunda reciprocidade. Tal como nervos cósmicos, as redes assim compostas ressoam o tecido da imaginação coletiva, convidando-nos a adentrar seus intervalos e fissuras, saboreando a ambiguidade, o movimento, a perpétua gênese do sentido.

*Como processo curatorial de interação entre redes, este texto foi conjuntamente elaborado com uma inteligência artificial que é uma rede neural complexa, após a mesma fazer uma leitura do layout, do processo criativo e dos textos escritos por mim mentora/curadora.

Processo 1: FLORA FUTURA, Audrian Cassanelli (capa)
Processo 2: SEM TÍTULO, Salete Lottermann (pg tal e tal)



EIXO COMUNIDADE

COMMUNITY AXIS



PELE MUNDO: ecológica e comunitária

EU NÃO QUERO UMA ARTE QUE APONTE ALGO;
EU QUERO UMA ARTE QUE SE TORNE ALGO.
Tania Bruguera

A Residência Artística Virtual Compartilhada (RAVC) promovida pela Black Brazil Art de 2024 propôs um espaço de trocas e criação ancorado no tema As 5 Peles de Hundertwasser em uma perspectiva de descolonizar essas peles. Meu eixo foi a 5ª Pele: A Terra, A Pele Mundo, acrescentamos Ecológica e Comunitária, propondo reflexões e práticas artísticas que conectam corpo, território e relações comunitárias. Nossos encontros se estruturaram em torno de questões fundamentais para a arte contemporânea: como a prática artística pode dialogar com ecologias, comunidades e narrativas pessoais?

Os encontros foram conduzidos por reflexões baseadas na 5ª Pele de Hundertwasser, que aborda a interdependência entre os seres vivos e o ambiente. Tais como:

- A arte como construção relacional, que não apenas aponta, mas se torna parte ativa de um mundo mais sustentável, focado no bem-estar comum, como sugerido por Tania Bruguera.
- Abordagens dialógicas na prática artística, conforme traçado por Grant Kester, investigando a escuta e o envolvimento ativo da comunidade.
- A relação entre práticas locais e narrativas globais, enfatizando a valorização de saberes comunitários e ecológicos, como proposto por Jorge Menna Barreto e Sallisa Rosa.

Foram 6 encontros que por meio de leituras, apresentação de artistas e suas práticas, reflexões coletivas e exercícios incentivaram os participantes a investigar sua relação com o ambiente e a comunidade. Entre os exercícios destacados, os residentes foram convidados a:

1. Observar e documentar elementos cotidianos que compõem sua prática artística.
2. Refletir sobre a relação entre corpo e meio ambiente, propondo movimentos ou ações artísticas que expressam essa interação.
3. Criar uma obra a partir de memórias ou conexões com sua comunidade ou natureza.

Esses exercícios culminaram em produções finais que variaram entre performances, textos, fotografias e disciplinas, revelando a multiplicidade de abordagens dos participantes, a serem apresentadas em forma de cartografia sonora-visual, a partir de suas localidades.

Cada residente trouxe perspectivas únicas, enraizadas em suas vivências e territórios. Destacaram-se os seguintes processos:

- Memórias e raízes comunitárias: Inspirados por práticas como as de Mariana Berta em Sagu , artistas refletiram sobre suas origens e tradições, confrontando narrativas dominantes com saberes locais.
- Arte e sustentabilidade: O projeto Restauro de Jorge Menna Barreto serviu como base para reflexões sobre hábitos cotidianos e sua relação com o cuidado ambiental. Alguns residentes realizaram intervenções que ressignificam espaços públicos, evocando uma consciência ecológica.
- Oralidade e resistência: Inspirados em Donna Kukama, artistas exploraram performances orais e sonoras como meios de resistir a narrativas hegemônicas e amplificar histórias invisibilizadas.

A produção final de cada residente refletiu um comprometimento com os temas envolvidos. Os trabalhos apresentados foram diversos, incluindo:

- Fotografias que recriaram ecossistemas urbanos, conectando natureza e práticas comunitárias.
- Vídeos performáticos que expressaram a interdependência entre corpo e território.
- Textos poéticos e narrativos que evocam memórias e histórias coletivas.

Cada obra dialoga com os valores centrais da residência, promovendo um espaço de experimentação e sensibilidade artística. O conjunto de trabalhos do eixo "Pele Mundo: Ecológica e Comunitária" reafirmou a importância da arte como ferramenta de conexão, transformação e resistência. Ao envolver os residentes em um processo dialógico e reflexivo, a residência gerou produções que não apenas questionam o papel da arte na sociedade, mas também abrem caminhos para imaginar futuros mais justos e sustentáveis.

Agradeço a todes residentes pela dedicação e pelas trocas, que sem dúvida fortalecem a prática artística coletiva e o compromisso com o bem-viver.

Processo 1: EMPILHAR ENQUANTO HÁ TEMPO – PATUÁ, Olhoteu
Processo 2: ÁGUAS DA MEMÓRIA, Denise Gomes Martinho (acima)



AUDRIAN CASSANELLI

PARA ALÉM DO CENTRO EXISTEM ARTISTAS, PARA ALÉM DAS CAPITAIS, FORA DO CUBO BRANCO, ARTISTAS QUE POR 3 MESES SE ENCONTRARAM DE FORMA VIRTUAL. No contraturno de seus trabalhos, dezenas de corpos cansados, pensando de forma realista como fazer arte, como produzir algo relevante mesmo com tantas outras demandas necessitando nossa atenção. Não há romantização que resista a uma tripla jornada de trabalho. As trocas, os aprendizados, as conversas, sempre estavam envoltas em um senso de urgência, que só quem sabe o corre do dia-dia tem.

Por vezes os encontros eram divididos com tarefas do cotidiano. Entre teorias e louças sendo lavadas, entre falas e artistas que as ouviam nos ônibus enquanto voltavam para casa, acredito que tenhamos criado um grupo de estudo, pesquisa e criação que refletiu quem somos.

Somos plurais, não entramos em consenso, temos várias idades, e crenças, somos de vários cantos do país. Aprendi com os mentores, tanto quanto aprendi com meus colegas de residência. Tudo que aconteceu nesses meses de residência transformou minha prática artística, e me deu ferramentas para conseguir repensar minha postura como artista visual e professor. Com Luciana Conceição aprendi que toda pele precisa da delicadeza do toque, sejam elas peles-armaduras, peles-carolinas ou quaisquer outras. Seus encontros foram um convite à gentileza, a potência do afeto com força motriz de ações baseadas na educação. Já com Priscila Costa Oliveira, pude compreender melhor a força do trabalho coletivo e da escuta do outro.

Isso acabou por transformar meu trabalho com autorretratos e narrativas visuais. Novas ideias surgiram quando passei a incorporar em meu repertório a possibilidade de trabalhos sonoros.

A troca com Matheus Crespo enraizou-se em mim de forma especial. Me fez voltar para casas que não habito mais, mas que de alguma forma ainda vivem em mim. Passado e presente coexistiram em encontros que me conduziram em salas cheias de histórias, cozinhas com cheiro de comida de vó e quartos com fotografias nas paredes. Zaika dos Santos e os mundos possíveis que a tecnologia nos proporciona. Foi como se ela própria criasse um prompt e ao final do processo o que até então era algo distante de minha prática artística, acabou por se integrar de forma simbiótica a minha produção e pesquisa.

Luiza Furtado, por sua vez, trouxe à tona memórias de mais de uma década do meu trabalho de vestuário e corpo. Revisitar essa trajetória foi como reencontrar um velho Audrian, ou seria um jovem Audrian? Seu olhar me fez entender que o vestuário não é apenas uma camada externa, mas que se escreve no tecido, no toque, na maneira como vestimos e transformamos nossas histórias. Essa reflexão ampliou minha relação com o corpo, suas marcas e camadas, e trouxe novos significados para minha prática.

Por fim, Patrícia Brito conectou todos os eixos com sua visão decolonial. Sua perspectiva revelou a necessidade de rever, e transformar os processos criativos, para que eles sejam ferramentas de valorização do que foi silenciado. A decolonização, como ela mostrou, é uma prática que atravessa tudo o que criamos e compartilhamos. Todos saímos diferentes de como entramos nesse processo, o que foi feito aqui não pode mais ser desfeito, ainda somos os mesmos, porém nossas percepções se ampliaram. A minha visão de mundo certamente se expandiu, se antes já sabia que o mundo não era apenas os campos de soja que cercam a cidade que eu moro, entendo que nesse mundão a fora, existem tantos outros corpos-inços, artistas-erva-daninha, gente-peste, ou seja lá como queira chamar. Que seguem resistindo e se alastrando, seja pelos campos de soja, seja por entre o concreto das cidades.

Processo: PATUÁ PATA DE VACA, Audrian Cassanelli (acima)



PALOMA CARMELITA

Quando soube que as inscrições para a residência artística estavam abertas, fiquei imediatamente empolgada e me inscrevi com o que tinha disponível naquele momento. Esse período coincidiu com a conclusão do meu trabalho de final de curso na licenciatura em artes visuais, onde minha pesquisa era atravessada pela simbologia Adinkra. Entrei na residência com a expectativa de desenvolver trabalhos em tapeçaria incorporando essa simbologia. No entanto, fui surpreendida por emoções e sensações que me conduziram a outros lugares.

Durante a experiência, vi-me questionando frequentemente o meu trabalho a partir de perspectivas da experiência feminina que tantas vezes impulsionaram minha prática artística. Fiz um retorno às minhas bases criativas e ao meu próprio trabalho, mas agora com um olhar renovado e atento a aspectos que antes não percebia. Parte desse processo incluiu uma reflexão sobre os materiais que utilizo em meus trabalhos e como minhas escolhas são influenciadas pela formação acadêmica em artes que possuo.

Passei a questionar o reuso de materiais e a importância de trabalhar com o que está ao meu alcance, algo que foi se tornando central, não apenas no meu fazer artístico, mas também na vida cotidiana. Em casa, o compostar alimentos para nutrir a horta, reduzir o desperdício e reutilizar plásticos fazem parte da manutenção de vida de nosso lar. Esses gestos me mostraram o quanto minha pesquisa e produção artística

estão profundamente entrelaçadas com o meu gesto de vida.

Em outros aspectos nesse movimento também me sentia tomada por pensamentos, afetações e desejos e não conseguia transcender esse momento, e foi quando surgiu a ideia de fazer um patuá que estivesse relacionado com a ideia do emaranhado de pensamentos. Daí veio a ideia de criar uma costura caótica como metáfora desse emaranhado de ideias, que foram encontrando seu lugar.

Cada experiência na residência revelou camadas do meu processo criativo. Por exemplo, na obra Fronteira, desenvolvida com a orientação do mentor Matheus, explorei a pele como metáfora da casa e questionei: quais fronteiras uma mulher precisa atravessar? Quais distâncias são necessárias percorrer para que nossos corpos não sejam submetidos às violências legitimadas pelo Estado? Questionei as linhas que delimitam nossos espaços, também no mundo das artes, linhas que, mesmo invisíveis, insistem em nos cercear. Contudo, ousamos desafiá-las diariamente.

No eixo conduzido por Zaika, conectei-me intensamente com a ideia das raízes que formam redes e nutrem a vida. Foi nesse contexto que desenvolvi o projeto "Xilema", utilizando a geração de imagens por inteligência artificial para representar esse fluxo vital. Já no eixo conduzido por Priscila, minhas reflexões giraram em torno do espaço que habito diariamente: meu quintal.

Inspirada na ideia de Manoel de Barros, onde "o quintal é maior que o mundo", passei a repensar os trabalhos majoritariamente realizados por mulheres — o cuidado, a costura, a cozinha — em contraponto à violência simbólica de um bordado dilacerante, executado por uma máquina com estrutura semelhante à de uma pistola.

Luciana nos propôs trabalhar com cartografias, e foi nesse momento que as grades de ferro que fotografei nas ruas ganharam espaço. Elas evocaram a textura urbana e dialogaram com as mensagens que nossos antepassados deixaram impregnadas nesse espaço encantado.

Por fim, com Luiza, inicialmente desejei construir um vestido que traduzisse a carne viva, a pele exposta, mas, ao longo de nossos encontros, essa ideia perdeu sentido. Nenhum esboço me satisfazia até que decidi confeccionar uma luva. Esse aparato simbólico tornou-se uma peça poderosa de interlocução, transformando quem a veste um ser dotado de sensibilidade e jeito para cuidar da terra.

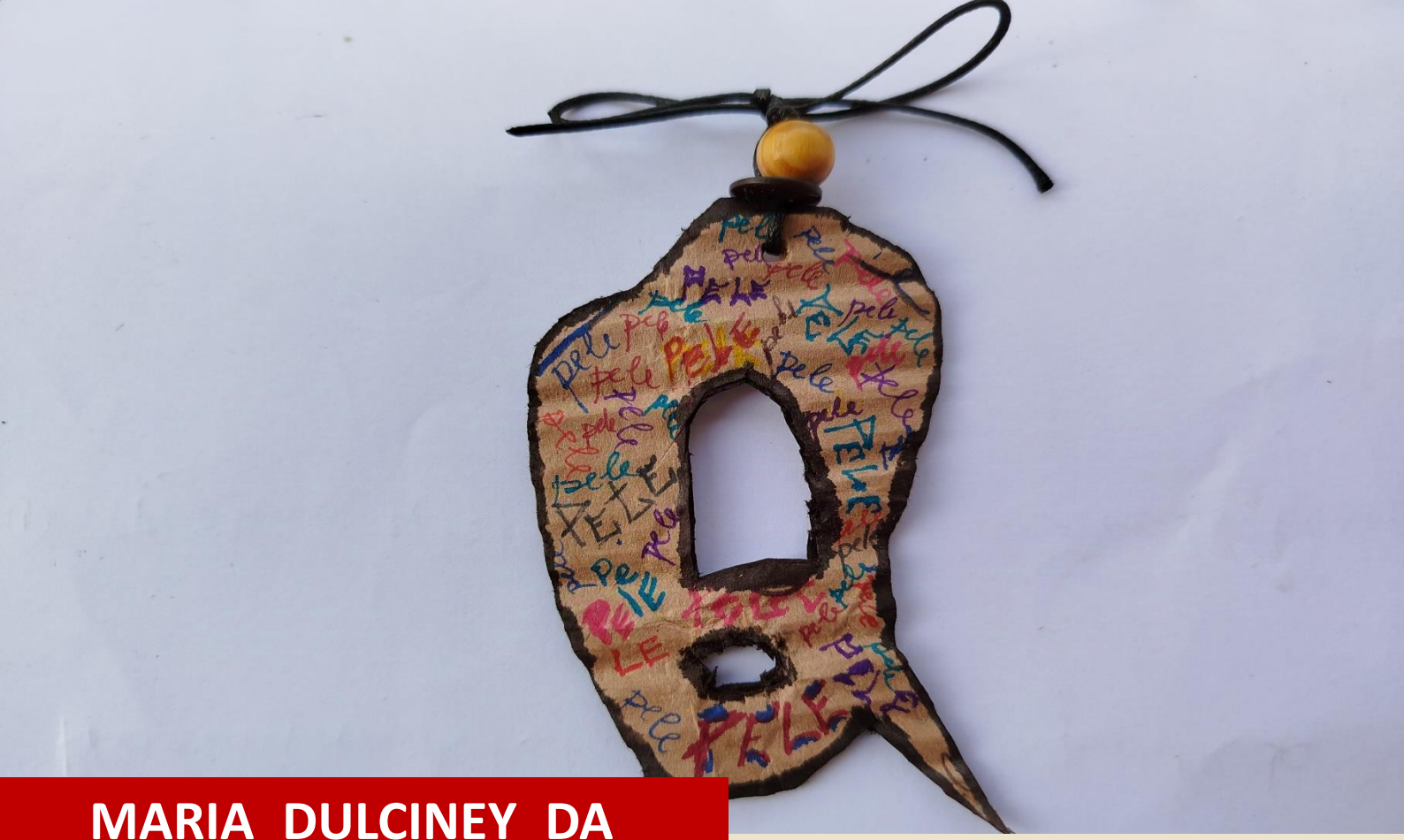
A questão de gênero e dos papéis que desempenhamos continua sendo uma pauta urgente e delicada, especialmente nos dias de hoje. Apesar dos avanços tecnológicos, das conquistas científicas e das viagens para Marte ou para a Lua, os direitos das mulheres e das pessoas com útero ainda progrediram muito pouco. Pior ainda, esses direitos são frequentemente ameaçados e facilmente retirados à medida que o mundo se movimenta.

Embora o Brasil seja um dos maiores produtores de alimentos do mundo, ainda convivemos com uma parcela significativa da população em situação de fome e insegurança alimentar. Alimentar um sistema cíclico que valorize a comunidade, o trabalho coletivo e o bem viver vai além de deixar uma mensagem em uma garrafa: trata-se de mostrar, através de exemplos concretos, que é possível viver de forma menos tóxica e menos predatória, promovendo relações sustentáveis com a terra, com as pessoas e com o futuro.

Nesse sentido, meus exercícios durante a residência consistiram em explorar um ecossistema de relações do cotidiano através da prática artística. Busquei promover tensões entre os papéis que desempenhamos, os ruídos que surgem dessas dinâmicas e a estética dos objetos que emergem nesse contexto.



Processo: PATUÁ APANHADOR DE PENSAMENTOS, , Paloma Carmelita (acima)



MARIA DULCINEY DA SILVA – DU.S

Esta foi uma experiência cheia de altos e baixos emocionais, artísticos, e porque não dizer pessoais, foi uma estreia emocionante (minha primeira residência). Os gatilhos disparados por cada um dos mentores, foram considerados por mim como espelhos caleidoscópios, refletindo meus lampejos até então anônimos.

A experiência de criativa de vídeos e editá-los, durante o processo, foi bastante difícil e prazeroso pois sou uma mulher analógica, adentrando na digitalidade mais avançada e contemporânea.

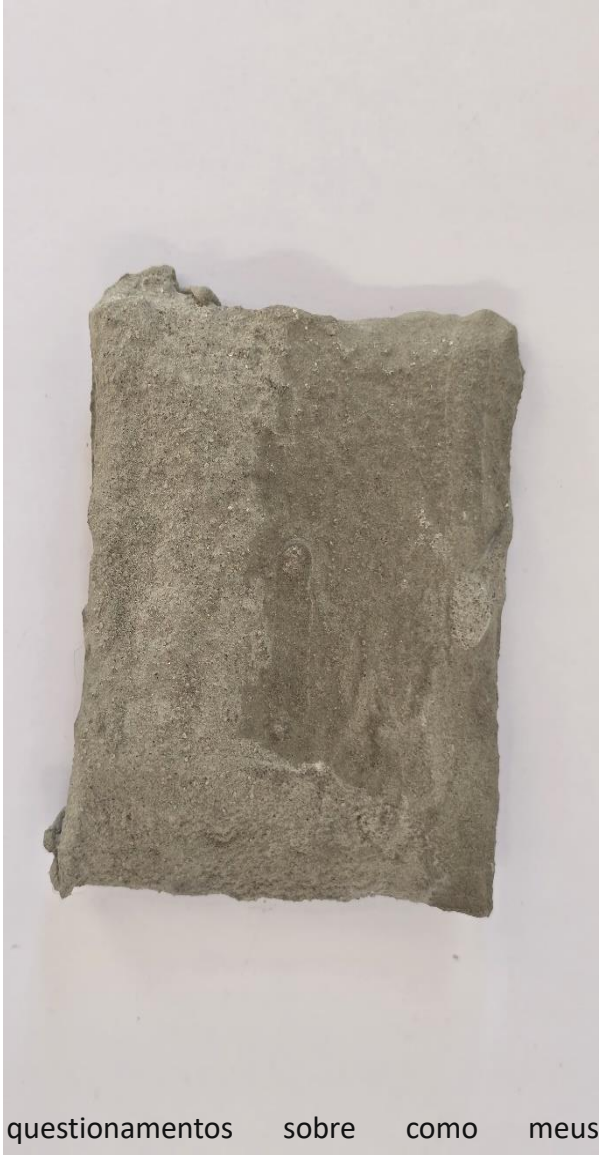
Descobertas etárias, e escutas revigorantes, promovidas pelos mentores, todos certamente mais jovens do que eu, que fizeram desta residência, espaço atemporal de aprendizado.

Tenho como sugestão para as próximas residências, a abertura controlada pela equipe suporte, das gravações dos encontros de escuta, e o inicial do processo criativo. Para que todos os residentes, em estreia, ou mais experientes, possam ter reforço didático ou experimental direto dos mentores e colegas revendo os encontros. Nesta residência, a generosidade dos mentores em partilhar conhecimento, mesmo no "bê-a-bá", foi notável. Talvez por isso, tenham confundido residentes mais avançados.

Cada ser único, fez o todo desta residência, costurou um retalho desta colcha, Digna da ancestralidade Negra; provavelmente muito além das peles do imaginário (EIXO RETALHOS) de Hundertwasser.

Processo: (DES)PATUÁ Q Pele, Maria Dulciney da Silva – Dus.S (acima)





DENER LUIZ CARVALHO

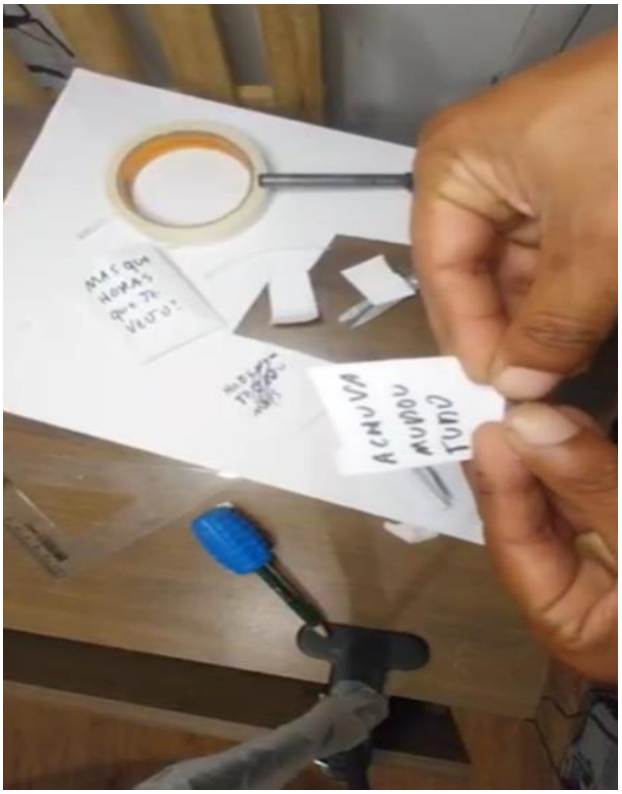
Os atravessamentos desta residência me trouxeram um novo modo de observar a arte em direção a novas construções do modo de pensá-la. Se tornou um laboratório, mesmo com uma quantidade considerável de novos elementos com frequência, de modo que nem todos os conteúdos foram compreendidos, explorados e aprofundados por este motivo.

Também considero meu incômodo com o distanciamento do tópico inicial da proposta, indo de encontro a formatos colonizados com referências que seguem a lógica das mesmas referências eurocêntricas. Assim, me perguntei por diversas vezes, o quanto produtivo consegui ser baseado em um conteúdo distante da realidade brasileira.

Apesar destas críticas, diversas propostas trazidas pela residência RAVC me atravessaram e foram eficientes, causando questionamentos sobre como meus incômodos me impedem de produzir e entender novos conceito. Consegui também, reforçar minha potência como artista, estar disposto a sair de produções que são conhecidas e confortáveis em direção a uma série de trabalhos que subvertem a maneira de pensar o prático e o físico.

Considero por meio destes trabalhos propostos para esta residência, a poesia e conjunto a metáforas ou a releitura do entendimento visual como algo para além de sua própria forma física. Por fim, a convivência com os mentores e outros artistas construiu um novo artista que habita meu consciente junto ao lado do já é por mim conhecido e praticado.





Cartografia eixo texturas:

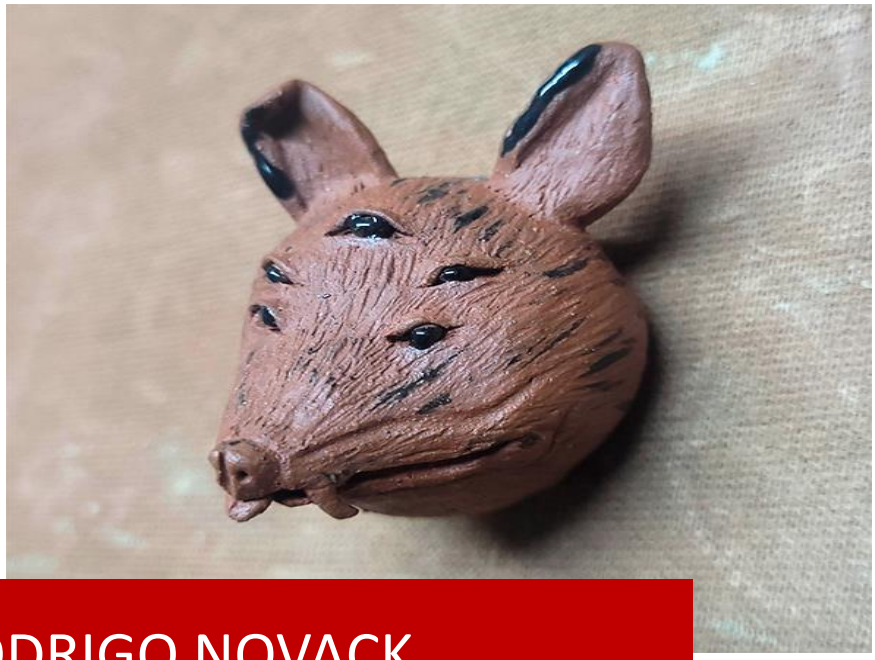
Buscando uma conexão entre a textura rígida do cimento e a linha contínua do tempo, os volumes e curvas que o tempo registra e ocupa cavam memórias em nossas consciências, sejam aquelas onde perdemos nosso ônibus ou aquelas onde nos perdemos no tempo.

Às vezes, não noto o relógio registrando essas memórias, mas as lembranças existem, ocupam este espaço que suponho como concretizado. Minha personalidade, mesmo que de maneira fria, o tempo consolida essas lembranças e as vezes imaginários que me constroem, me narram e ditam como existir, ainda que diante de processos programados e colonizados. O concreto é permanente e nosso tempo transitório, mas por mais que meu tempo seja efêmero, a passagem e a construção das minhas obras registradas serão eternas.

Livro de artista: cimento sobre papel, escrita, ilustrações

A subversão do conceito tradicional de um livro em uma obra que fala sobre trajetória e sentimentos, quanto a autoimagem como um artista em construção, traz os elementos da escrita, gravuras, papel e cimento, traços e linhas na intenção de apresentar uma fluidez entre os volumes físicos e pictóricos. Acompanhados da personagem sobre papel vermelho, simbolizam o sentimento de raiva e/ou paixão. Sentimentos que se movem de maneira fluida durante nossas autocríticas e atravessamentos externos do cotidiano. Sentimentos estes que compõem minhas obras e expressões diante da antipedagogia social imposta e que nos silencia de maneira sufocante, intimando as nossas rotinas e obrigações, o mundo material, o mundo capitalista.

Processo: PATUÁ , Dener Luiz Carvalho (acima)



RODRIGO NOVACK

O processo de participar da residência foi bastante mobilizador para mim, mas já antecipo que ajudou a reposicionar meu olhar sobre as possíveis peles que minha linguagem artística pode vestir.

Mas antes de me permitir viver elaborações no campo artístico, a residência me atravessou em espaços pessoais de meus processos emocionais, e absolutamente isso se impôs como minha primeira "entrega" para a residência, pois sem isso não teria me habilitado prosseguir no programa.

A partir do momento em que isso foi elaborado, pude abandonar idealizações irreais sobre como seria a participação mais fantástica do mundo na residência, e passei a olhar para a produção artística que eu já fazia para entender como ela poderia responder às provocações dos mentores.

Com esse novo olhar, o processo destravou e fluiu para uma escuta muito potente da minha criatividade. Isso por si só está nutrindo muitas propostas que surgiram como conceito e agora estou gestando, para ao longo do próximo ano dar corpo.

Sou grato aos mentores e às provocações trazidas, tanto aquelas que de fato eu pude participar e ouvir, quanto as que infelizmente perdi devido a outros compromissos. Tudo isso tempera nossa persistência frente ao real.

Entre os eixos que mais pude me identificar, com certeza fui bastante atravessado pelo eixo Corpo, pois está dentro das minhas principais elaborações no meu processo de individuação.

Processo: PATUÁ , Rodrigo Novack (acima)



DENISE GOMES MARINHO

Na minha jornada como artista em processo de caos constante, a residência foi um caminho necessário para me permitir pensar exclusivamente no processo. Me deu coragem de revisitar trabalhos iniciados e pausados por várias camadas de opressões da vida cotidiana: pandemia, passagens de pessoas queridas, e neste processo de nascimento e morte precisava de respirar sem água no nariz. Foram meses intensos onde as provocações desmontaram certezas, me permiti ser bagunçada de ponta cabeça. Chorei, me emocionei com um exercício, que me tirou a emoção genuína daqui de dentro e escorreu quente na face da mulher preta que pouco teve na vida vivida, lutada para não morrer de fome, a emoção. Foram trocas intensas, mentores com trocas potentes, novidades plataformas, IA, caminhos possíveis de sentir e entregar ao mundo imagens criadas por mim com toques supremos do mundo todo. Como assim gente???!!!!

Eu que criança ficava encantada de ver meu pai consertando TVs com tubos e válvulas me encanto em como diz o Caetano “A força da grana que ergue e destrói coisas belas”... vimemos no caos a beira do precipício e a residência me ajudou a respirar mais leve e sentir caminhos possíveis de não ficar parada no abismo.

De verdade queria que se prolongasse esse

tempo que reverbera em mim, não acabou é a magia do encantamento. Me tirar do lugar a beira do abismo da inércia foi o maior legado da residência, pra mim.
Mesmo esgotada de um dia que nem sempre foi legal, estar residente de arte, me

tornou melhor, jogou luz, desfez nós, nada ficou no mesmo lugar. Revi trabalhos, refiz rotas, ampliei os sentidos.
Ampliou
Trouxe pra cá dentro
Surgiu espaços
Me deu desejo de entregar mais e melhor
De todo caminho trilhado até aqui nas artes
Vida longa!!!
Que a ciranda continue sendo cantada na grande roda...



Processo: PATUÁ , Denise Gomes Marinho (acima)



LARYSSA MONTEIRO

Cultura é poder. Eu posso? O que eu posso? Meu corpo atravessa o tempo, atravessa o espaço, atravessa a rua. E você? Te atravessa? Digo atravessar, não como te cortar, te perfurar, te rasgar. Digo atravessar como quem diz experimentar, vivenciar, percorrer. Você entende, consegue enxergar? Digo enxergar, não como prever, julgar, descobrir.

KILOMBA, Grada. A máscara: colonialismo, memória, trauma e descolonização. In: KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janiero: Cobogó, 2019. p. 33-46.

BRAND, Dionne. Nenhuma língua é neutra. In: Tradução de Jade Medeiros e Lubi Prates. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023. p. 29-52.

SMITH, Danez. Verão, algum lugar. In: SMITH, Danez. Não digam que estamos mortos. Tradução de André Capilé. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 13-54.

SANCHEZ, Sonia. Presente. Tradução de Sara Ramos. In: PRATES, Lubi. (Org.). Você lembrará seus nomes: uma antologia de poetas negras dos Estados Unidos. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024. p. 93-94.

ANGELOU, Maya. Ainda assim me levanto. Tradução de Lubi Prates. In: PRATES, Lubi. (Org.). Você lembrará seus nomes: uma antologia de poetas negras dos Estados Unidos. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024. p. 54-55.

LORDE, Audre. Ladainha pela sobrevivência. Tradução de Bruna Barros, Jess Oliveira e tatiana nascimento. In: PRATES, Lubi. (Org.). Você lembrará seus nomes: uma antologia de poetas negras dos Estados Unidos. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024. p.66-67.

Digo enxergar como olhar, perceber, alcançar. Eu cruzo a fronteira, eu reaproprio as margens. Tirei a máscara que encobre meus olhos, abri a boca. Eu falo em línguas, você escuta? Não são neutras, são negras. E dizem: não digam, não digam, por favor, não digam que estamos mortos. Nem mortos antes do tempo, nem mortos pela exploração, nem mortos pela bala, sem ar, sem crescer, sem nome, sem nascer. Digam que estamos vivos, que peregrinamos rumo a nós mesmos, num oceano negro de onde tudo jorra e cresce. Buscamos agoras que possam construir futuros, para isso, rompemos com a escassez de sobreviver. Vivemos. Nas multiplicidades, tensões, tons. Vivemos.

Processo: PATUÁ , Laryssa Monteiro (acima)



V E R M E L H O

Pele e Escrita

MARIANA GALLI FIGUEIREDO

Começo apresentando quem sou, saudando os que vieram antes de nós, e respeito aos que viram depois de mim. Eu, carioca, geminiana, pé-vermelho, filha e neta de forasteiras, mulheres que migraram em busca de um lugar que pudessem brotar, onde seus corpos pudessem expressar seus modos de ser e pensar, nos quais suas sexualidades não fossem sinal de vergonha, ou imoralidade, que o encontro com a natureza de seus corpos pudesse emergir das águas profundas dos sonhos íntimos não revelados a ninguém.

Essa liberdade vigiada, restrita é resultado de processos históricos e culturais de silenciamento e subordinação. A liberdade de que falo não nos é dada ao nascer, ela é atravessada por embates que travamos todos os dias, da escolha do percurso ao trabalho, na roupa adequada, no caminhar, nas inúmeras situações em que devemos decidir entre calar ou agir, permanecer ou partir, decisões que me constituem assim como tantas outras mulheres, artistas, professoras, pesquisadoras, e de todas as que vieram antes de nós.

Destaco nesse percurso o acesso ao repertório cultural e imagético que tive enquanto artista residente da Bienal Black Art Brasil, através do compartilhamento de materiais e histórias, narrativas e contextos que preencheram a caminhada e renovaram os afetos.

A experiência de criação alicerçada ao conceito das cinco peles de Friedensreid Hundertwasser (1928-2000) compreendendo sua relevância para as questões que envolvem os corpos, suas subjetividades e seus modos diferentes modos de existir e ocupar os espaços, o que implica pensarmos em suas relações com a natureza seja ela artificial ou natural, construída ou imaginada. Comecei com o vermelho porque ele me acompanha e protege, o vermelho está dentro e fora, é o tempo do agora na reafirmação do que foi antes, do que é memória, mas não deixou de ser ação.

O vermelho “é carne e latência das coisas”, o primeiro desejo era pensar sobre essa latência e sobre os lugares que me constituem. Pensar, debater e compartilhar os processos de criação e de escrita e de si, uma busca por uma escrita que fosse corpo e potência.

Sintetizar ao máximo o que eu já fazia enquanto artista foi buscar uma frase, um som, uma ação, um gesto, uma imagem que desse sentido a toda a existência até aqui. Uma busca que envolvia dizer o mesmo de um jeito novo, e por isso mais uma vez o vermelho, o vermelho enquanto elemento poético e crítico.

A pele buscava o chão, sentir os pesos dos pés sobre o território que nos acolhe e nos ameaça. Memória. Memória de terra vermelha. Saudade de casa. Saudade de chão.

No meu tempo de criança se falava de ter “pé vermelho de terra” como uma marca

do existir dos corpos. Quem eram os corpos que tinham pés manchados e andavam na terra? O que essa expressão popular trazia enquanto memória pessoal e coletiva? Enquanto memória de uma pele que não é só minha.

Nesse sentido retomo aqui um pouco das reflexões compartilhadas sobre as peles enquanto “carnificação” de algo, é dar corpo ao vermelho é dar corpo a memória, fazendo escamar aquilo que já não importa mais, interferindo sobre camadas profundas do imaginário e da percepção e ali descobrir uma outra pele, a pele da escrita de si e da feitura das coisas.

Fugir da lógica imposta do cotidiano e suas operações de sobrevivência para então sentir de um outro modo, em uma outra pele em busca de ser radicalmente viva.

Processo: PATUÁ , Mariana Galli Figueiredo (acima)



SALETE LOTTERMANN

Eu quis muito fazer esta residência porque sabia que seria importante sob vários aspectos, principalmente por causa do tema abordado, que poderia me ajudar a reconhecer conceitos arraigados no inconsciente, apreendidos ao longo de tantos anos, e que podem ser mudados. Estas oportunidades de diálogo me atravessam e permitem que se abram portas para que eu me observe e busque conhecimento.

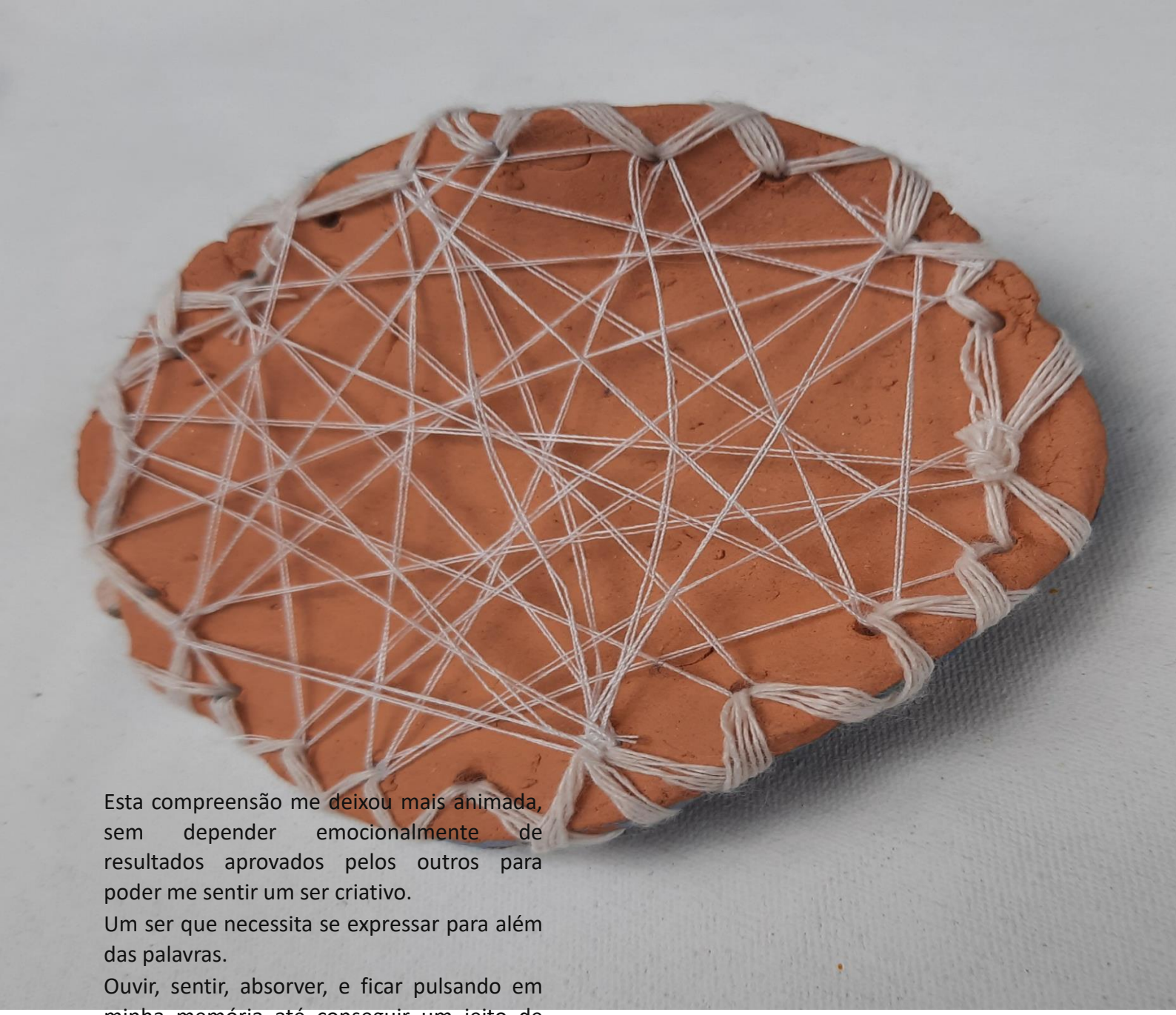
E por isso ouvi e ouvi muito! Aproveitei cada minuto da fala dos mentores e artistas.

Como respostas às provocações trazidas pelos orientadores, meu olhar se debruçou em algumas coisas que sempre me chamaram a atenção, só que agora, poderiam fazer sentido como parte de um processo artístico em busca de um determinado resultado.

E assim, fui fotografando tudo ao meu redor, nos meus caminhos, e o que já estava de alguma forma em minha memória de artista foi registrado como processo. Os sons foram capturados, o corpo analisado, a natureza me reforçou como somos parecidos. A casa da infância com força retornou à minha lembrança, com detalhes esquecidos ou menosprezados pelo tempo.

Tudo fez sentido.

E aquela necessidade que eu estava sentindo de interagir, de ouvir novas linguagens, de me reconhecer como artista, foi aos poucos sendo surpreendida por tantas respostas diferentes trazidas pelos colegas em relação às provocações dos mentores. E me vi com coragem de ousar também. E este “ousar” não é nada diferente do que eu já fazia, mas sim, a forma de lidar com isto. Entender que tudo que venho fazendo está, de uma forma ou de outra, relacionado com a minha forma de fazer arte.



Esta compreensão me deixou mais animada, sem depender emocionalmente de resultados aprovados pelos outros para poder me sentir um ser criativo.
Um ser que necessita se expressar para além das palavras.
Ouvir, sentir, absorver, e ficar pulsando em minha memória até conseguir um jeito de transformar em uma forma real: em fotografia, escultura, um traço, um crochê, em arame ou fio de algodão. E se em nada disso for possível, agora tenho uma possibilidade a mais: de busca-la através da inteligência artificial.

Agradeço demais por esta oportunidade.
Gostaria de mais encontros.
Neste momento em que estamos conhecendo melhor uns aos outros, a troca se fortalece.

Processo: PATUÁ, Salete Lottermann (pg tal e tal)



JULIANA ARAÚJO

ME CHAMO JULIUANA ARAÚJO, SOU UMA MULHER PARDA DE 48 ANOS, ARTISTA AUTODIDATA, ME DEDICO TOTALMENTE ÀS ARTES VISUAIS E À LITERATURA DESDE 2016, QUANDO FIZ MINHA TRANSIÇÃO PROFISSIONAL. Atualmente trabalho com a cerâmica que conta histórias de experiências vividas. Meu trabalho é pautado nos moldes primitivos do fazer cerâmico, mantendo as tradicionais queimas a lenha em fornos alternativos de tijolos , moldados a mão, tendo o barro como elemento principal de criação. Sendo eu neta de oleiros do Vale Jequitinhonha, procuro, através desse resgate artístico reverenciar meus ancestrais que viveram dessa arte buscando levar a cerâmica brasileira a espaços de valorização cultural e artística. Participar da Residência da Bienal Black foi uma oportunidade ímpar de aprendizado, troca de experiências, provocações e afetamentos que a princípio me levaram a um estado de conflitos internos profundos. Pois me deu a oportunidade de experienciar novas formas de arte que até então, a mim eram desconexas, ou não me inspiravam muito. Trabalhar com performance, inteligência artificial, vídeo

arte, eram coisas que eu instintivamente já fazia, mas sem muita noção do que estava sendo feito. A residência me deu uma oportunidade de revisitar meu próprio trabalho criando um outro olhar sobre ele. Para os exercícios propósitos pelos mentores, dentro das minhas observações e entendimento, resolvi revisitar a obra o **GoZo**. As provocações dos mentores me levaram em lugares de reconhecimento das 5 peles que atravessam esse trabalho. O Gozo é uma instalação que começou a ganhar corpo em 2019, quando em meio a uma reportagem ouvi a história de uma menina de 08 anos, que estava grávida, abusada pelo tio e que tentavam impedir a realização de um aborto legal apoiados pela então ministra dos direitos humanos da época.

A reportagem se tornou um gatilho para as tantas histórias como aquela, e ali, em meio a emoção do momento, criei uma vulva em cerâmica como forma de protesto a esse episodio. Essa obra foi ganhando forma e se transformou em uma grande instalação com 100 vulvas de cerâmica. Todo esse processo criativo foi registrado, documentado e distribuído através das redes sociais e a obra também participou de duas exposições físicas presenciais. Durante a residência, no processo de ir desmembrando essas 5 peles eu revisitei essa obra e fui entendendo de fato como foi, por uma visão mais técnica de acordo com os aprendizados dado pelos mentores, o processo de criação da obra. A cerâmica é um processo lento, que requer técnicas e paciência, muitos inclusive a têm como terapia pelo impressionante poder de transformação que o barro possui.

Durante as provocações muitas perguntas me foram atravessadas e eu buscava entender que decolonização é essa. Até entender que todo produto de arte só é enriquecido se o processo artístico for genuíno. E o que completa uma obra é o processo, o caminho, não somente a chegada. Que a obra se completa com a jornada artística que a impulsionou a ser criada. Que o caminho e tão importante quanto a chegada. A fase da escuta na residência foi bem interessante e o material compartilhado foi muito rico e valioso, o tempo é que foi curto. Causando uma certa ansiedade no final do processo.

Um trabalho como esse deveria ser estendido por no mínimo 12 meses para que pudéssemos amadurecer mais os processos criativos. Vejo como um projeto ainda em construção. Sobre a obra, quero expandi lá através de outra ótica. Vejo uma instalação maior que pode ocupar paredes, chão, teto.... Colocar vulvas em espaços públicos como protesto a tantas mulheres violentadas diariamente em nosso país. É uma obra que incomoda bastante, sendo inclusive censurada em alguns espaços. Essa pele corpo, casa, morada, rede que é tão mistificada sexualizada, banalizada e julgada. Percebi através dessas observações alicerçadas pelas provocações dos menores e passei a compreender que é uma obra viva e atual e que como mulher vivo na pele essas camadas do colonialismo e da colonização.

Agradeço imensamente a oportunidade de vivenciar essa rica experiência artística.

Processo: PATUÁ VULVA EM CERÂMICA, Juliana Araújo (acima)



LÍVIA PASSOS

Materiais: tampas de medicações, cravo da índia, sal grosso, tecido africano e búzios.

Feito com a técnica do fuxico as tampas foram forradas usando tecido africano, dentro sal grosso para proteção contra o mal olhado e o cravo da índia para boas energias, fechando a costura com dois búzios também usado para proteção.

Processo: PATUÁ PROTEÇÃO E ENERGIA, Lívia Passos (acima)





MÁRCIO GUEDES

Esse é meu patuá com 8,5 cm feito de pele artificial. O desenho nele é um lobo feito com tinta e máquina de tatuagem. O material da pele artificial é farinha de Maizena com silicone em gel.



Processo: PATUÁ, Márcio Guedes (acima)



NETTO OVER

Meu patuá, Ancestralidade expressada tanto nas formas desenhas que lembram pinturas rupestres, quanto a citação das pirâmides enigmáticas do antigo Egito.

Processo: PATUÁ ANCESTRALIDADE, Over Nesto (acima)



P A T U Á

Como ninho de proteção

ANDRÉA MULLER

Às minhas avós, Divina e Maria e aos meus avôs, Joaquim e Eduardo, sua bênção.

À minha madrinha, Maria da Fé Camilo e ao meu padrinho Sebastião Gerônimo, sua bênção.

À minha mãe Clarita e ao meu pai José Luiz, sua bênção.

Viva o Espírito Santo! Viva Nossa Senhora Aparecida, Menino Jesus de Praga e Santa Rita de Cássia! Viva Nossa Senhora Desata Nós!

Salve Nanã Buruku e Obaluaê! Salve Caboclo Tupi, Ogum Beira Mar e Oxossi!

Salve Mamãe Oxum!

Salve Padre Victor!

Salve todos os Pretos Velhos!

Peço licença a todos vocês, que me guiam.

Sou preenchida dessa fé, construída no equilíbrio entre o catolicismo e a umbanda. Meus patuás são forjados nas amarrações e elementos naturais. Tudo me interessa, como expressão do sagrado.

As cores dos ritos católicos. O cheiro da Mirra. O Ostensório. Ungir com cinzas nossa testa, para nos lembrar que ao pó da terra voltaremos. Tudo está fundido na barra da saia das Pombagiras, nas cuias de cachaça, nos alguidares.

A vidência de mamãe fez meu avô desamarrar os ebós enterrados no quintal. Ela batia os pés pequenos no chão e falava: Cava! Eles estão aqui.

Essa intuição me alimenta.

As linhas, fitas, pontos de bordados, gravetos, pedras, espinhos e folhas, se misturam nessa artesania da fé.

Patuá pra abrir e pra proteger. Patuá pra fechar o corpo.

Salve o povo da Rua! Rosa Vermelha e Exu Caveira!

Salve Seo Marabô!

Minhas linhas são das encruzilhadas, meu tecer é do chão.

Não arredo o pé!

Este ninho é tecido de força e doçura.

Inicialmente agradeço à Patrícia Brito, por acreditar no seu sonho/trabalho e buscar pessoas para contribuir com a sua concretização. Sem esse esforço coletivo, estou certa de que seria mais difícil. Então, muito obrigada aos que se empenharam e se dedicaram nestes 3 meses de residência artística. Durante este período de convivência com todos vocês, reforcei minha crença de que o trabalho é um BEM que promovemos ao outro e que, no percurso desse fazer, nos tornamos melhores como pessoas.

A experiência de participar da Residência Artística Virtual Compartilhada – RAVC, tendo como princípio a Decolonialidade, contribui para ampliar o olhar sobre as minhas criações artísticas. Venho de uma formação acadêmica eurocêntrica, hegemônica e branca, pautada na visão unilateral sobre os conceitos de arte e cultura, que não considera outros modos de fazer, outras percepções de mundo e outras cosmologias. Refletir sobre este assunto me conduziu a uma autopercepção. Saber quem sou e onde estou no mundo, me deu um norte para organizar e desenvolver meu trabalho. Percebo que é um exercício/reflexão que não se encerrará com a residência. É um trabalho permanente de luta pela decolonialidade, para romper com os efeitos do colonialismo na produção do meu conhecimento, da cultura que vivencio e da minha subjetividade.

É importante ressaltar que esse processo de reflexão não pretende negar os conhecimentos adquiridos ao logo da minha trajetória. Eles se aprimoram e se fundem, numa perspectiva de construção e experimentação de novas realidades.

Visitar, sob a perspectiva da decolonialidade, os conceitos filosóficos e artísticos das 5 Peles, do artista e arquiteto Hundedwasser, foi uma provocação intensa e importante para mim.

Dialoguei com mais desenvoltura com os eixos textura/epiderme, vestuário/corpo, casa/espaço e comunidades, pois suas práticas são mais familiares para mim. Com o eixo Redes, foi mais desafiador. Mas consegui obter um resultado que me deixou satisfeita. A experiência de criar uma poética com inteligência artificial, desmistificou alguns preconceitos e abriu novas possibilidades de criação.

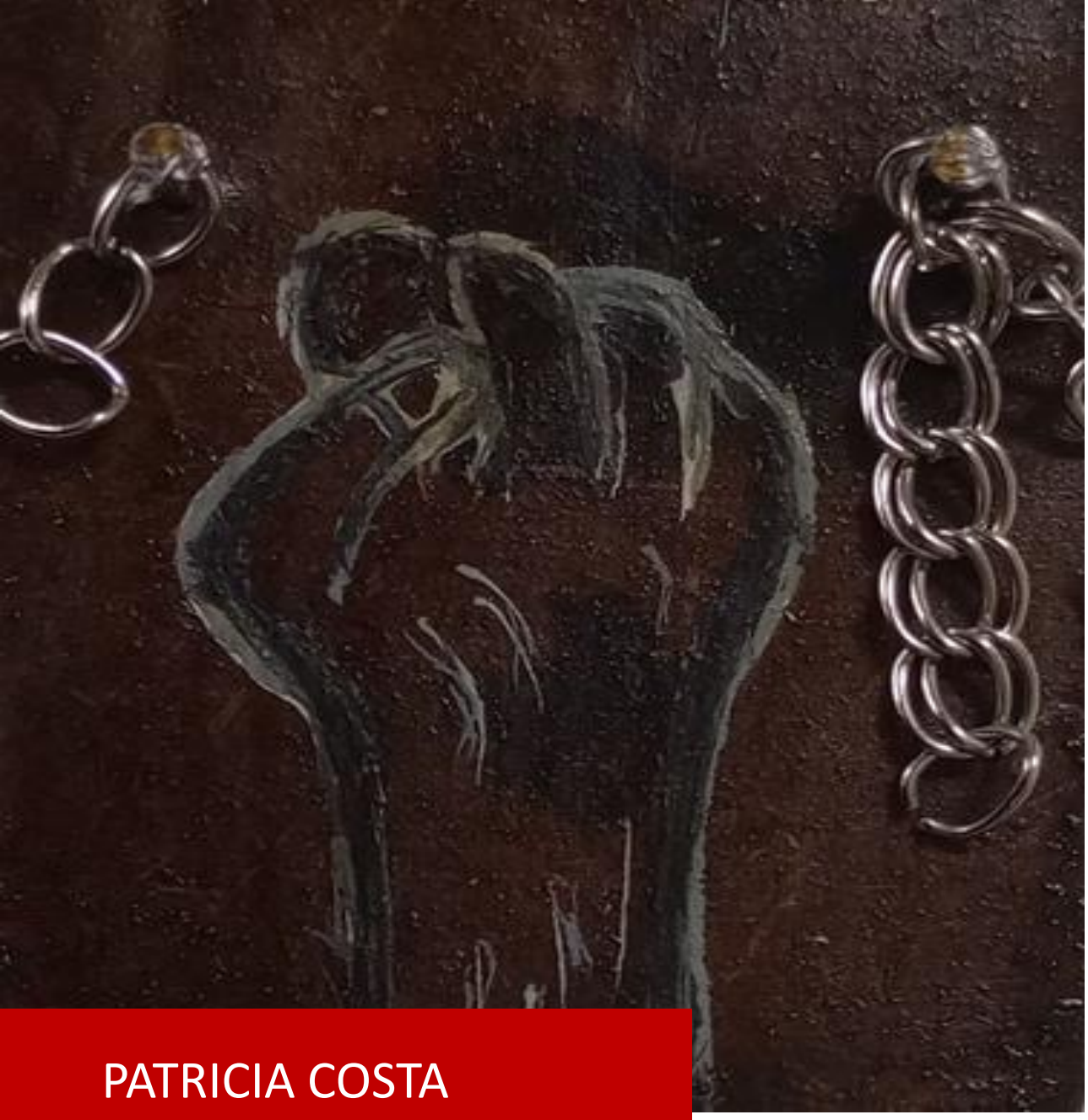
Foram muito valorosas as escutas, as trocas, as referências bibliográficas, os exercícios propostos pelos mentores e a convivência com os colegas, mesmo acontecendo de forma virtual.

Como mencionado anteriormente, tenho interesse pelo diálogo, pelo olhar do outro, pela crítica que sinaliza algo que não percebi ou em que não depositei muita confiança. Estas trocas me amadureceram e ajudaram a seguir em frente.

Saio deste trabalho com a sensação de que há muito por vir. Aprender, trocar, conviver, investigar, desconstruir, construir, reconstruir, acolher e refletir.

Estamos vivendo momentos de transformações intensas em todo o mundo, do ponto de vista social, político, econômico, ambiental e ético. Tudo isto é material para ser observado, depurado e ressignificado. Acredito que a arte continuará tendo um papel fundamental na leitura de todo esse processo de mudança. Espero permanecer nesse lugar que me é tão precioso, e que de algum modo eu possa contribuir como o meu trabalho para a construção de um mundo mais democrático, acolhedor e justo.

Processo: PATUÁ, Andréa Muller (pg al)



PATRICIA COSTA

Foi uma experiência muito significativa, minha primeira.
Com ela pude ter uma nova visão e deslocamento do pensar da arte. Lançando um olhar mais livre, mais natural, mais global.
Novas experiências de materiais, ideias e execuções.
A descoberta de novas camadas e peles, somando a minha essência.
Trocar vivências, ideias, conhecimentos com os colegas residentes e absorver os ensinamentos dos mentores foi fantástico.

Obrigada a todos.

Processo: PATUÁ RESISTÊNCIA, Patrícia Costa (RJ)



RAFAEL DA LUZ

Patuá com o título "o espelho de Narciso não me reflete" discutindo sobre a perspectiva de apagamento de um mundo branco que só enxerga a si mesmo e ao lucro e a reescrita da história do povo afro-brasileiro.

Processo: PATUÁ O ESPELHO DE NASCISO NÃO ME REFLETE, Rafael da Luz (PA)



NOBERTA DÓIA

Participar da Residência Artística Virtual Compartilhada foi muito importante para meu processo criativo, para me desenvolver enquanto artista e ajudou a melhorar alguns aspectos na minha arte, que possuo dificuldade de criar por ser autista.

Como artista que é autista, minhas dificuldades dentro do espectro são com abstrações, fazendo com que as minhas obras sejam mais figurativas, apesar de tentar retratar pessoas pardas, situações do cotidiano vivida pelas pessoas e divulgadas dentro das redes sociais. Esta é uma dificuldade dentro do meu processo artístico, na minha vida pessoal isso abrange outras áreas também, transtorno do processamento sensorial, dificuldade na leitura de textos muito rebuscados, dificuldade de localização, sobrecarga sensorial, enfim, várias coisas, mas enquanto artista, minha maior barreira, além da coordenação motora, é na criação do abstrato, não só a dificuldade de criar, mas de entender obras mais abstratas.

Foi através da residência, através destes 3 meses, que pude entender um pouco mais sobre estes tipos de obras, os processos artísticos que se passam até chegar na arte final, o conceito, os materiais e seus significados, a sua construção e o que ela representa para o artista. Dentro da Residência Artística ter está troca com outros artistas, inclusive os mentores, foi me ajudando a entender um pouco mais este processo.

A decolonização das 5 peles através dos eixos: texturas, corpos, redes, espaços e comunidades, foram imprescindíveis para repensar e recriar o que queria produzir durante o período de 3 meses dentro da residência. Através destes eixos, pude mesclar técnicas artísticas, utilizar técnicas existentes com outros materiais e unir produção física com a inteligência artificial. Este último ponto foi essencial, poder criar obras a partir do físico e do virtual, mesclar obras que produzi fisicamente com uma nova tecnologia, ainda pouco compreendida pelas pessoas e usada muitas vezes da forma errada.

Pude brincar com texturas, formas, criei meu próprio método de fazer gravuras com massa de E.V.A, fiz escultura, utilizei do stop motion, gerei áudio em IA, usei ferramentas de edição de vídeo, usei ferramenta em ia para remoção de fundo das fotografias das obras físicas, usei IA generativa, a usei de muitas formas para mesclar com as minhas obras físicas. Chamo todo este meu processo criativo de arte da “gambiarra”, não como algo ruim e preguiçoso como muitas pessoas pensam ao ouvir a palavra gambiarra, vejo como um processo criativo, genuinamente brasileiro, onde conseguimos fazer muito, com tão pouco. Como autista de diagnóstico tardio, sei usar esse processo desde criança, afinal, é assim que sobrevivemos enquanto pessoa com deficiência sem diagnóstico nas fases mais importantes do desenvolvimento, infância e adolescência. São processos e processos, tentando fazer coisas simples das mais diversas formas diferentes até uma se encaixar com você. A arte da gambiarra, foi o que usei a minha vida toda, para escrever, amarrar sapatos, consegui me alimentar de coisas que não consigo, trocando a sua textura, misturando com outro alimento que gosto, qualquer outra coisa que precisasse de ajuda quando não sabia nem oque era acessibilidade e que era disso que precisava para me desenvolver.

Nesses 28 anos de vida, foi com a arte da gambiarra que passei vários obstáculos da minha vida e foi ela que me levou para as artes, me ensinou a ser criativo, ir atrás de coisas novas, a gambiarra é o meu processo criativo, o processo que cultivei ao longo de toda a minha vida, não é a escola de arte mais moderna, não é uma técnica tradicional do campo das artes, mas é minha.

Para mim, é algo muito importante que eu pude imprimir em todos os trabalhos finais da residência, foi meu processo criativo, algo mais brasileiro que isso desconheço. Com a gambiarra aprendi a usar IA, criei um processo de gravura só meu, sem tutorias, somente tentando, errando, tentando de novo, modificando coisas que conheço, aprendendo ao fazer na prática processos que desconheço. Agradeço, a Residência Artística Virtual Compartilhada, por mim mostrar, que estes anos todos eu sempre tive um processo criativo e artístico, que é e não é só meu, o aprimorei ao longo destes 3 meses, me soltei mais como artista visual, experimentei e tentei fazer coisas mais conceituais e abstratas. Espero daqui pra frente, continuar aprimorando cada vez mais o que faço, dar mais visibilidades a pessoas pardas autistas, criar obras abstratas, mesmo que maioria das vezes eu tenha dificuldade de entender e interpretar e mesclas IA as obras físicas, um processo que amei fazer na RAVC.

Processo: PATUÁ, Noberta Dóia (PB)



OLHOTEU

cinco peles – texturas, corpos, redes, espaço e comunidades – para despertar os cinco e tantos outros sentidos. participar da residência artística virtual compartilhada foi dar fôlego ao fazer arte. ainda vou e volto nessa coisa de ser artista. receber logo de início a orientação de nomear e definir os próprios pronomes são detalhes que, geram mudanças de imediato.

muitas coisas me afetaram durante esses três meses. foi difícil definir a palavra afeto durante o percurso. o programa ultrapassou os encontros virtuais. mal sabia que a disponibilidade imaginada para os três dias por semana, algumas horas por dia, ocuparia tanto espaço na minha rotina.

a partir das provocações e disparos dos mentores, surgiram ideias daquelas que dão vontade de pausar a vida e começar fazer.

o estado de residência foi um exercício de presença e movimento. foi uma vantagem que reforça o quanto a constância e o compartilhamento são essenciais para qualquer ser criativo. fazer arte é também criar sem esperar resultados. foi sobre isso que mais conversamos: processo. enquanto vivenciava o lugar de residente, aceitava de olhos abertos as ideias que chegavam. descobri outras formas de dar a elas a chance de existir, sem a pressa de resposta.

nesse espaço virtual compartilhado, procuro-me ao mesmo tempo que encontro-me. sigo carregando peles e faíscas que ainda me atravessam e pensando em como posso continuar afetando o mundo com elas.

Processo 1: PATUÁ OMULULU, Olho Teu (acima)



ISABELLA HARU

Ser convidada para a Residência Artística Virtual Compartilhada no ano de 2024 foi uma experiência incrível.

O período pós-pandêmico foi coletivamente ruim, mas pessoalmente falando, foi quando me distanciei da arte para que eu pudesse ter mais estabilidade financeira. Dessa maneira, estava desde 2021 sem produções novas e completamente frustrada pois acreditava que não teria uma nova oportunidade tão cedo para me abrir novamente ao fazer artístico.

Minha formação inicial é em cerâmica, ou seja, minha “língua-mãe” das artes é o barro, e me mudando para uma cidade grande, acaba se tornando limitante para mim, já que precisei me desfazer do meu forno.

Portanto, não conseguia ver uma saída para trabalhar com arte.

Enquanto isso, eu também buscava uma oportunidade para que eu pudesse experimentar novas linguagens e me permitir uma flexibilidade maior no pensamento artístico.

Portanto, quando soube que a Bienal de Arte Black se interessou pelo meu trabalho, busquei agarrar todas as proposições possíveis. Durante as mentorias das 5 peles, senti meu cérebro virando igual um tornado com os disparadores tão profundos e tão interessantes, com mil campos de experimentações. Senti por um momento que poderia ir para milhares de lugares e ainda que muito perdida sobre o que

fazer, me permiti que as provocações entrasse no meu inconsciente para que eu pudesse trabalhar.
Na reta final da experiência, tive desafios. Meu avô veio a falecer abruptamente de um câncer recém diagnosticado, a pressão no meu trabalho corporativo se tornou maior com o fim do meu contrato de trabalho e a insegurança financeira e, para além de tudo, quebrei o dedo mindinho do pé.

As questões pessoais afetaram negativamente meu emocional e precisei me ausentar em algumas semanas, sei que perdi muito com a minha ausência, apesar de saber que as coisas não estavam sob meu controle e eu precisava voltar para mim mesma antes de me estabelecer com o mundo exterior.

A entrega dos trabalhos foi com emoção, mas é gratificante perceber o quanto pude estender minha própria pele artística a outras linguagens, aprender com novos colegas e estar aberta aos disparadores que me foram dados durante a Residência.

Tenho certeza que saio dessa experiência com um amadurecimento e uma autoconfiança muito maior para elaborar outros projetos artísticos e que o processo dessa residência ainda vai ecoar dentro de mim durante alguns anos.
Sou grata por terem me dado a oportunidade de participar.

Processo: PATUÁ, Isabella Haru (acima)



DHYOGO OLIVEIRA

A residência chegou em um momento muito importante e específico da minha vida. Eu havia acabado de sair de um trabalho formal no qual estive por anos, mas que acabou me levando a um processo de burnout extremamente prejudicial para minha saúde. Os encontros começaram exatamente um mês após essa mudança, durante um período em que eu buscava me "desintoxicar" do ambiente corporativo que tanto me afetou ao longo de mais de 14 anos de trabalho ininterrupto. Participar da residência, com os mentores e os colegas artistas, foi transformador. Aos poucos, comecei a enxergar a vida, o tempo e o trabalho por uma perspectiva completamente nova para mim. Cada encontro teve um impacto profundo — e continua me afetando de maneiras que ainda estou assimilando. Olhar a vida pela ótica sensível da arte tem sido um exercício que pratico com pequenas doses e muita atenção.

Confesso que, por vezes, saía dos encontros inseguro sobre se o meu trabalho dialogava com a proposta da residência. Nunca produzi a partir de uma perspectiva consciente de decolonialidade e, cercado por artistas com causas tão urgentes e relevantes, muitas vezes julguei minha produção como ordinária. Não defendo explicitamente uma causa social, moro em uma grande cidade, sem um contato direto com minha comunidade ou laços fortes com minha família e meu passado — temas que surgiram

com frequência nas discussões. Entre crises e a vontade de expandir minha prática artística, segui o caminho.

Nem todas as atividades foram concluídas, por vários motivos. Em algumas propostas, não avancei a ponto de sentir que o resultado ou processo era satisfatório para compartilhar. Em outras, como as propostas do Matheus e da Priscila, consegui estabelecer diálogos mais claros com a minha produção e experiência. Algumas, como a proposta da Luciana, me marcaram profundamente, embora eu tenha optado por não finalizar o trabalho naquele momento. Seus encontros foram extremamente significativos, e as anotações que fiz certamente servirão para o futuro. Estou, ainda, em processo.

Além disso, não consegui participar de todos os encontros por questões de agenda. Durante a residência, fui selecionado para expor em algumas feiras de arte impressa em São Paulo — foram quatro só nesse período! Essa oportunidade de circular e vender meu trabalho me levou a fazer escolhas, e, com isso, algumas atividades ficaram de lado, como o projeto do Patuá.

Entre "fazer o que dava" apenas para cumprir prazos e respeitar o trabalho, a residência e o meu próprio processo, escolhi entregar somente o que realmente fiz com atenção, verdade e alegria. Decidi não reproduzir a lógica de produtividade que tanto me prejudicou no mundo corporativo. Com os encontros, entendi que o tempo e o processo são valores fundamentais na prática artística, e optei por honrar isso.

Por fim, quero agradecer a todos os encontros e trocas. Para mim, este é apenas o começo da residência. Estou apenas iniciando as leituras, exercícios e práticas que surgiram a partir das provocações e atravessamentos que tanto me impactaram.

Processo: EIXO CASA, Dhyogo Oliveira (acima)



REFLEXÕES E RESISTÊNCIAS

Narrativas afrodescendentes nas artes e cultura contemporânea

A experiência vivida durante a residência artística abriu caminhos para uma profunda reflexão sobre as formas de resistência e afirmação cultural nas artes afrodescendentes. Revelou-se a riqueza e complexidade das identidades em constante reconstrução, que dialogam entre heranças ancestrais e desafios contemporâneos.

Um dos aspectos centrais explorados foi a intrínseca conexão das culturas afrodescendentes com o meio ambiente, pautada por práticas de cuidado e respeito mútuo à natureza e à ancestralidade. Essa relação transborda para escolhas cotidianas, como o vestuário, que se tornam veículos de expressão cultural. A moda afrocentrada, por exemplo, com tecidos como o kente e o ankara, transcende a estética. Ela ressignifica símbolos ancestrais e reafirma a identidade cultural negra, confrontando os padrões eurocêntricos que historicamente buscaram homogeneizar as expressões culturais.

A pele, com suas texturas e marcas, também emergiu como um poderoso espaço de resistência. Para os afrodescendentes, ela é mais do que uma superfície; é um arquivo vivo de histórias invisibilizadas que desafiam os padrões estéticos impostos pelo colonialismo, reafirmando a singularidade de cada trajetória. Essa luta por identidade e reconhecimento se manifesta ainda nos espaços domésticos, onde práticas de design e arquitetura de influência africana transformam as casas em locais de refúgio e resistência cultural, adaptando heranças à contemporaneidade.

O movimento negro, por sua vez, tem desempenhado um papel fundamental na desconstrução das narrativas coloniais que moldaram as identidades sociais. Resgatando histórias de autonomia e luta, ele ativa a reinterpretação das identidades africanas, reconectando-as com raízes ancestrais e reimaginando definições impostas.

Ao resgatar práticas ancestrais de relação harmoniosa com o meio ambiente, abre-se espaço para novas narrativas sustentáveis que integram tradição e inovação. Essa perspectiva inspira um cuidado mútuo com o planeta, fortalecendo a ligação entre a preservação ambiental e a valorização das raízes culturais.

Finalmente, ficou evidente a necessidade de transformar a cultura institucional, incorporando a acessibilidade universal como uma pauta transversal. A qualificação das equipes, a criatividade diante de restrições orçamentárias e as parcerias intra e interinstitucionais destacam-se como estratégias centrais para a construção de museus acessíveis, plurais e alinhados com as demandas de diversidade contemporâneas.

Essa jornada reflete a potência de um movimento coletivo que transcende o passado, reimagina o presente e constrói futuros mais justos e inclusivos.

Processo: PATUÁ DE PROTEÇÃO, Luciana Rosário (pg al)



FIM

Por Luciana Rosário

Chegamos, afinal,
ao ponto de partida
que talvez nunca devêssemos cruzar.

O inacabado nos habita,
não como falha,
mas como essência vital:
ser humano é ser incompleto,
uma obra em eterno rascunho.

Onde há vida,
há a dança do provisório,
a beleza da inconclusão.

Cada fôlego,
uma linha não terminada,
cada instante,
um verso por escrever.

E assim seguimos,
não rumo ao fim,
mas ao contínuo refazer
de tudo o que somos.

Processo: PATUÁ VULVA EM CERÂMICA, Juliana Araújo (acima)



O SIMPLES DESENHO DE UMA EXISTÊNCIA POÉTICA

Por Isabel Miranda

Faz tempo que eu venho olhando o quanto as minhas vivências e narrativas ecológicas estão intuitivamente integradas a minha produção artística. O meu encantamento pela natureza e o entendimento do corpo enquanto território estruturam a minha visão de arte.

Para ampliar o campo imaginário, retomo a posse daquela parte de mim que insiste em dizer ser árvore. Caminho olhando para o céu e é assim que estabeleço a conexão com as árvores em suas formas, dimensões e cores. E, em pleno estado de encantamento, me reafirmo em existência poética e recordo ser tão orgânica feito um “pé de quê”.

Pensar-me corpo orgânico me faz ver o corpo para além de si mesmo para tomar posse de ser um verdadeiro ecossistema aquático e terrestre. Nesse pensamento ecossistêmico é permitido sentir as incertezas do tempo diante do orgânico. Esse pensamento ecossistêmico não se subordina a nenhum tipo de reducionismo. Pensar-me corpo orgânico, durante a residência, me conectou também com o conceito de decolonizar. Pois, de fato, pensar-me enquanto ecossistemas me leva a “um processo mais profundo e contínuo, que implica questionar, resistir e transformar as formas de pensamento, conhecimento e organização social que permanecem colonizadas, mesmo após a descolonização formal”.

Passando pela linha do tempo de minha experiência artística vi o quanto eu sou conectada com a linha de pesquisa proposta pela 4a edição da Residência Artística Virtual Compartilhada - Black Brazil Art: As cinco peles de Hundertwasser. Em mim sempre esteve presente reflexões sobre os modos de ser e estar no mundo e isso reverbera em minha produção artística, onde eu faço e desfaço camadas. Sou pele inspirada em casca de árvore nas texturas, cores e no descascar das cascas. Trago em mim as imagens que as cascas penduradas produzem. Sou a cor de dentro e a cor de fora. E, também, sou pele feito pétala de flor. Sou ossos como a estrutura dos galhos das árvores. Sou Pau-mulato, árvore Casca-de-papel, Baobá Brasileiro, sou Pé de Pitanga, Pé de Goiaba, Pé de Jabuticaba, Pé de Abacate, pé de... Trabalho meu corpo, minha pele, em relação com a natureza. Eu sou a natureza e a extensão dela. É certo que vivo uma vida conduzida por plantas e bichos. Minha existência está escrita em mundos nos quais as vidas humanas e não humanas se influenciam mutuamente.

A 4a edição da Residência Artística Virtual Compartilhada - Black Brazil Art me abriu um vasto campo de experiência e experimentação onde fui além da criação intuitiva com a incorporação de práticas, pesquisas e referências que se relacionam com o conceito de Hundertwasser. Na poética artística e processos de criação construí-me para outros encontros com o corpo multiespécie, multiforma e multimatéria. A caminhada junto do olhar atento foram métodos e são meus modos de enxergar e agir criativamente no mundo. E daí partiu a coleta de elementos orgânicos que foram materialidade nos processos de criação.

No encontro e pesquisa vegetal, aqui, se fazem presentes as árvores que já existem na paisagem dos meus cotidianos lugares de passagem: Melaleuca quinquenervia e Cavanillesia Umbellata. A árvore Melaleuca quinquenervia é comumente conhecida como árvore casca-de-papel com seu tronco coberto por camadas de cascas grossas e finas de papel branco, bege e cinza. Já a majestosa árvore Cavanillesia Umbellata é popularmente conhecida como baobá brasileiro, uma espécie nativa da região nordeste do Brasil e que reúne cachos de flores que passam por tons de rosa, tons alaranjados, avermelhados e marrons.

Pensar no corpo como ecossistemas, pensar em multiespécies, juntamente com o pensamento decolonial é pensar na integração do ser humano à natureza. Logo, está contido no conceito das cinco peles de Hundertwasser: a sua epiderme natural, o seu vestuário, a sua casa, o meio ambiente onde vive e a pele planetária onde todos vivemos.

Durante a residência pude permanecer na minha poética artística com produção de escritas, pinturas, performances, fotografia e vídeo, somando-se ao digital e a atravessamentos entre-peles dos corpos. Pude produzir trabalhos transitando por todos os eixos propostos: Eixo Descolonizando, Eixo Textura - epiderme, Eixo Corpo - vestuário, Eixo Espaço - casa, Eixo Rede - identidade social e Eixo

Comunidade – meio global. Foi muito gratificante o desafio em conectar a produção para todos os eixos criando diferentes trabalhos utilizando as mesmas matérias e dos meus processos do viver enquanto potencialidade artística.

E eu, Corpo Orgânico, Na Natureza dos Encontros me pergunto: Quais são as funções essenciais para a manutenção da vida? São As árvores já existem na paisagem em movimentos que dançam no entrelaçar dos galhos. É nesse pulsar do mundo que a Organicidade se revela e me ensina o simples desenho de uma existência poética.

Processo: PATUÁ, Isabel Miranda (acima)
Processo: COMPOSIÇÃO ORGANICIDADE, Isabel Miranda

Minibio:

Isabel Miranda (1985, Contagem, Minas Gerais, Brasil), artista multimídia e arte educadora. Cursa pós-graduação em Educação Ambiental e em Metodologias Ativas e Tecnologias Educacionais, e é graduada em Licenciatura em Artes Plásticas pela Escola Guignard-UEMG. Trabalha as vivências, memórias, natureza e o corpo na composição de narrativas visuais. Na busca de dar conta de diversas questões de sua existência, faz parte de seu interesse as narrativas autobiográficas, ficcionais e imagéticas e, se dedica a pensar o corpo negro e suas relações com os espaços e pessoas. Sua investigação e criação partem de uma memória afetiva de Terra, Terreiro e Território. Assim, procura refletir em seu trabalho sobre a afetividade e reencantamento da melodia existencial de vidas negras. No campo da educação, é idealizadora do projeto itinerante Ateliê TERRA em que realiza ateliês, práticas e oficinas voltadas para todas as Infâncias conectando arte e natureza. E destaca a participação como bolsista pesquisadora no desenvolvimento do "Projeto de Pesquisa: Subsídios para implantação do Museu da Criança como seção do Museu Helena Antipoff - Projeto Museológico e Museográfico baseado nas perspectivas educacionais de Helena Antipoff". Atuou em projetos educativos e produziu a exposição virtual "Narrativas Cotidianas: A vida precisa de poesia" com crianças e adolescentes da rede de saúde mental/SUS-BH. Foi integrante da banca de Comissão de Heteroidentificação da Escola Guignard/UEMG de 2021 a 2023. Em 2023/2024 atuou como Arte Educadora no Palácio das Artes. Em 2023/2024, a produção do livro "Guia de museus dedicados às crianças no Brasil e no mundo" do Projeto Museu da Criança da Fundação Helena Antipoff, onde participa da autoria.



As minhas experiências com patuás começaram desde muito jovem. Sempre tive uma conexão especial com objetos que carregam significados profundos, e por isso gostava de usar cordões que representassem proteção ou boas energias. Lembro-me de levar comigo sementes de olho de boi e moedas, acreditando na força simbólica desses itens para afastar energias negativas e trazer sorte.

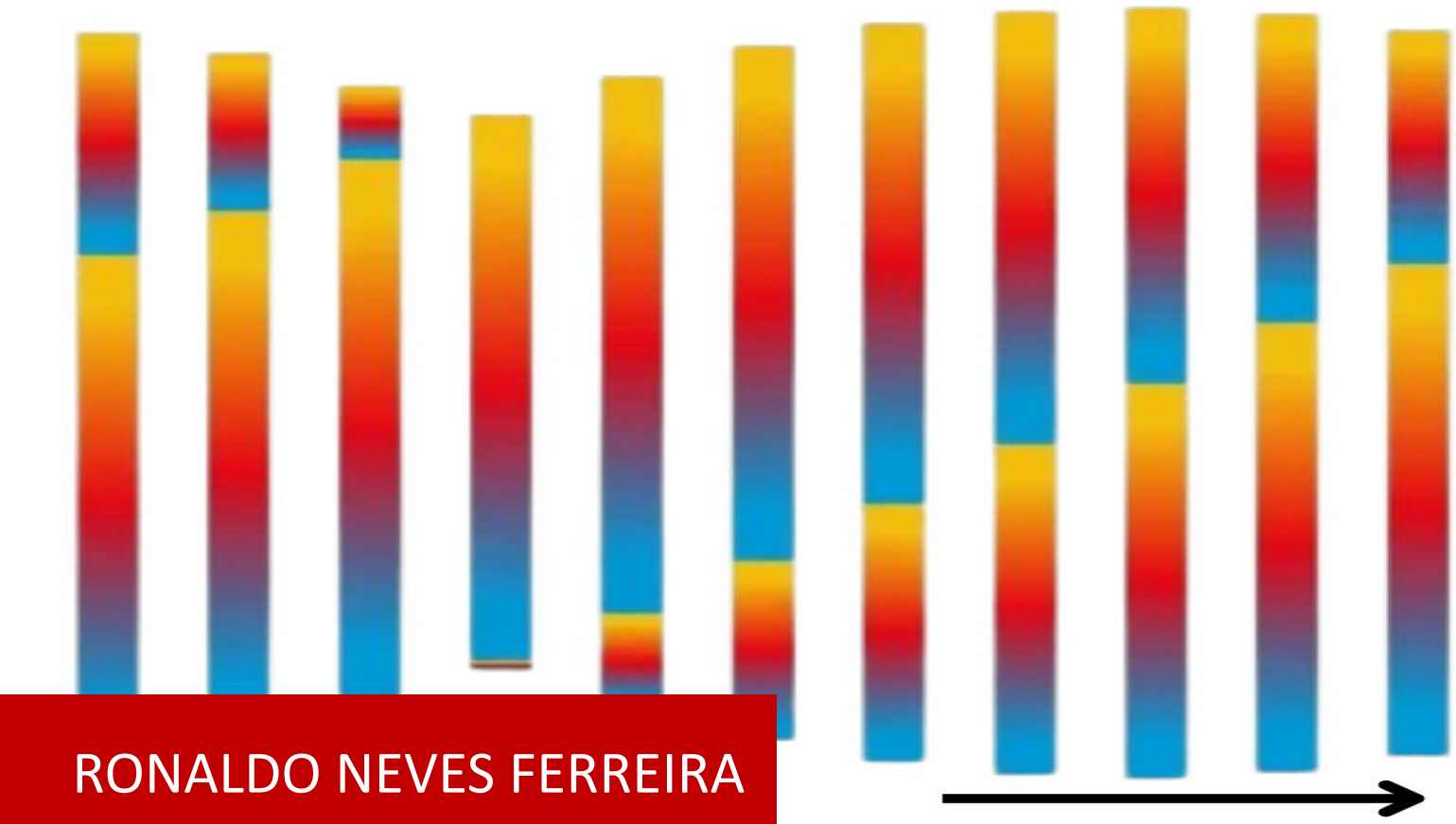
Com o tempo, fui descobrindo diferentes tipos de patuás e suas simbologias, ampliando minha coleção e o entendimento sobre essas práticas.

Hoje, vejo os patuás não apenas como objetos de proteção, mas também como uma forma de conexão com minha espiritualidade, com a natureza e com as tradições culturais que os valorizam. Carregar um patuá é, para mim, uma maneira de fortalecer a fé e lembrar que estamos sempre acompanhados por forças que nos protegem e guiam.

Processo: PATUÁ AZUL, Romário Batista (abaixo)

ROMÁRIO BATISTA





RONALDO NEVES FERREIRA

Meu nome é Ronaldo Ferreira e sou um artista visual autodidata, que realiza trabalhos utilizando a técnica do Batik. Iniciei as minhas atividades, ainda em Salvador, Bahia, adotando como temática os símbolos, signos e deuses do candomblé. Para isto lancei mão de minha vivência em grupo de dança afro, da religiosidade, da riqueza cultural do meu estado de origem. Nesse processo de caminhada já realizei exposições aqui e fora do país.

Ao saber da proposta de Residência Artística Virtual Compartilhada, que por sua vez, é um programa da Black Brazil Art que apoia práticas criativas comprometidas em mover o mundo em direção a futuros mais equitativos e justos. Faz parte da seletiva de projetos e propostas para a próxima Bienal Black. Nesta edição, exploraremos nosso lugar no mundo dentro do pensamento crítico decolonial nas práticas artísticas, inspirados pela teoria das cinco peles de Hundertwasser. Achei essa proposta perfeita para o que eu estava precisando! É uma proposta que contribuiria para dar consistência para a minha caminhada como Artista Visual. Vibrei com a metodologia adotada, os desafios propostos, a possibilidade de interação entre os residentes e mentores, a excelente e capacitada equipe de Mentoria. Para mim, um autor novo, mas, com certeza, trazendo ideias instigantes para o fazer artístico!

Poder descobrir o artista e arquiteto austríaco Firedensreich Hundertwasser, foi compreender a relação do ser humano inserido de diversas formas e relacionamentos com esse mundo. Para o referido autor, o homem, tem cinco peles: a epiderme natural, o vestuário, a moradia, a identidade social e o mundo.

A epiderme é uma proteção para o corpo e nossa forma de contato primária com o externo. O vestuário é uma forma de afirmação no mundo, uma expressão da própria essência. A moradia, o lar, representa a maneira como cada ser imprime criatividade no espaço urbano que lhe é confiado... Hundertwasser defendia que a casa deveria ser autêntica e integrada à natureza. A partir desses conceitos, compreendi que a minha casa, além da inspiração do Zanini Caldas, tem também uma relação com os conceitos do Hundertwasser.

Para efeito de proposta de trabalho, escolhi a pele Redes, que está relacionada com a identidade social, cuja mentora é a Zaika dos Santos. O que justifica a escolha dessa pele, é possibilitar a técnica do batik, associado com outros elementos, outras linguagens, outros recursos tecnológicos. E essa possibilidade poderia me desafiar para outras construções criativas, numa perspectiva, sobretudo, para o social.
Num momento de apresentação dos "Amuletos", pensei, e, não apresentei, a proposta de várias linhas de diversas cores, amarradas a um amuleto. Como no batik, existe o craquelê. Essas linhas representariam as energias de proteção se estendendo para diversos espaços. E assim, se conectados com outras propostas.

Assim, a proposta da RAVC veio no sentido de atender as minhas expectativas, sobretudo, na possibilidade também de participar de um processo coletivo e interativo. Seria uma ótima experiência! Achei muito interessante e entusiasmado!
Busquei as leituras recomendadas, e vislumbrei o que eu podia propor, criar, interagir nos momentos dos encontros.

Contudo! No decorrer do processo da residência, senti várias dificuldades com relação ao acompanhamento, a exemplo: limitações pessoais quanto ao manuseio das ferramentas tecnológicas; dificuldades de acesso; impossibilidade de conexão.
Diante das considerações apresentadas, acredito que esses aspectos contribuíram para as minhas limitações no meu desempenho na residência.
Reafirmo que fiquei muito sentido de não ter contribuído o quanto eu gostaria!

Mas, gostaria de parabenizar essa proposta de residência virtual, sobretudo no que se refere a sua metodologia e também ao que se propõe como resultado final; que é a exposição virtual e a Bienal.



P A T U Á

Proteção das matas



Primeiramente gostaria de expressar minha enorme gratidão pela oportunidade de participar dessa Residência Artística. Foi minha primeira participação em uma residência artística e me marcou profundamente, principalmente pelo tema decolonialidade, que me fez repensar e fazer conexões muito importantes, não só para minha arte como para minha vida. Essencial para refletir e compartilhar ideias, vivências, processos e trabalhos com os colegas e mentores. O eixo “as cinco peles” de Hundertwasser - epiderme, vestuário, casa, identidade social e meio global que serviram como eixo norteador, me fizeram pensar sobre as conexões entre eles e os efeitos devastadores da colonialidade sobre eles, e a necessidade urgente de decolonialidade que vem acontecendo no Brasil, mas a passos muito aquém do que se faz necessário. Foi um potente referencial para pensar e relacionar questões como racismo, machismo, crises climáticas, concentração de renda, luta pelos direitos dos povos originários, etarismo, e tantos outros preconceitos, resultados advindos da época colonial e presentes no contexto contemporâneo. O espaço foi uma experiência transformadora que não somente ampliou minhas perspectivas artísticas, mas também aprofundou minhas reflexões sobre as múltiplas camadas de existência e resistência que definem o tempo que vivemos, infelizmente ainda muito marcado pelo colonialismo.

Na pele mais visível, a epiderme, nos deparamos com a violência histórica do racismo, que persiste em desumanizar corpos negros e indígenas que representam mais de 56% da nossa população. As mulheres negras, 28,5% da população brasileira representam o maior grupo populacional, e

são os que mais sofrem com as desigualdades de raça e gênero, ao lado das mulheres indígenas. O racismo, legado do colonialismo, transforma a pele em alvo, desumanizando e hierarquizando corpos. No Brasil, corpos negros e indígenas carregam essas marcas enquanto resistem ao apagamento e reafirmam sua presença como agentes de transformação.

As marcas dessa violência também permeiam a pele das roupas, espaço onde padrões de consumo, moda, perpetuam exclusões e opressões. Padrões estéticos moldados por uma cultura que valoriza corpos e identidades eurocêntricas, enquanto inviabiliza e expropria as expressões dos povos marginalizados. Nesse contexto vestir-se também é uma forma de resistência, uma reafirmação de identidade e ancestralidade. Basta vermos a indústria têxtil que enveredou pelo caminho dos tecidos sintéticos em detrimento dos naturais. E hoje a indústria da moda é responsável por até 8% da emissão de carbono no planeta, é preciso rever todo esse consumo desenfreado.

A terceira pele, a casa, evidência as desigualdades materiais que o colonialismo deixou como herança. A precariedade habitacional que afeta mais a população negra, indígena e periférica, é resultado de um sistema que priorizou a exploração de terras e povos em detrimento do cuidado da coletividade. Além disso, as casas, muitas vezes são reflexos de dinâmicas de opressão, como o machismo, que transforma residências em locais de violência. E também podemos relacionar a Terra como nossa casa que estamos desrespeitando-a, sem perceber que sem essa "casa", não teremos água, alimentos e vida!

A quarta pele, a identidade social, é o espaço onde essas camadas citadas se cruzam e se manifestam. Aqui o racismo, machismo, hierarquias de poder, etarismo estruturam a vida em sociedade, ao mesmo tempo é aí que há luta e transformação.

É aqui que movimentos sociais criam redes de solidariedade que propõem novas formas de viver em comunidades com liberdade.

Por fim, a pele do ambiente planetário que nos lembra que a exploração das terras e dos povos sempre esteve interligada. A crise climática atual é resultado do extrativismo inculcado na época colonial. Nesse contexto, os povos originários continuam na linha de frente defendendo seus territórios, uma barbaridade.

As "cinco peles" me permitiram relacionar questões ambientais com problemas sociais e históricos resultantes da colonização, não deixando de evidenciar a prepotência do ser humano na postura de superioridade a atuação desmedida e irresponsável nas derrubadas de nossas matas, tudo resultado de sua ganância, também herança daquela época, é o chamado racismo ambiental, que também afeta diretamente os grupos étnicos já vulnerabilizados. A arte inclusiva, junto com a educação antirracista e interdisciplinar são caminhos para a decolonialidade. Expor a colonialidade do saber, do ser, e do poder possibilita atuações nas questões veladas do racismo, machismo tão presentes nas práticas do cotidiano.

Agradeço imensamente à Black Brazil Art por criar espaços de diálogos, compartilhamentos e construções coletivas. Esse encontro reforçou e ampliou minha opinião da arte como um instrumento de denúncia, cura, transformação e acima de tudo resistência. Tive muitos desafios no que se refere às artes digitais e inteligência artificial. Sigo inspirada e comprometida para, através de minha arte, contribuir para um mundo mais justo, igualitário e sustentável sem amarras colonialistas.

Processo: PATUÁ PROTEÇÃO DAS MATAS, Alice Rheingantz (capa)
Processo: VIRUS DA COLONIZAÇÃO, Alice Rheingantz



ANAIS

THE FIVE SKINS

RELATÓRIO DE PROCESSO EM RESIDÊNCIA
Residência Artística Virtual Compartilhada

Lei Rouanet

banco BV

BBA-i

RAVC
Residência Artística Virtual Compartilhada

MINISTÉRIO DA CULTURA